

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAEL BELLÓ KLEIN

“A HISTÓRIA EM CAMPO”

AS REPRESENTAÇÕES DO PASSADO NOS ESPORTES NORTE-AMERICANOS

Porto Alegre

2011

RAFAEL BELLÓ KLEIN

“A HISTÓRIA EM CAMPO”

AS REPRESENTAÇÕES DO PASSADO NOS ESPORTES NORTE-AMERICANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a
obtenção do grau de Bacharel em História pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre
2011

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a minha graduação e para que este trabalho fosse possível.

Em primeiro lugar, aos professores do curso de História da UFRGS, pelas aulas, ensinamentos e indicações, contribuindo de forma essencial para a minha formação acadêmica. Em especial, aos membros da banca avaliadora, por sua disponibilidade, e ao professor César A. B. Guazzelli, pela orientação e apoio a esta pesquisa.

Quero dedicar este trabalho aos meus familiares, em especial a meus pais, José Paulo e Adriane, e a meu irmão, Gabriel, pelo apoio e incentivo que sempre me deram.

Por fim, mas de modo algum menos importante, aos meus amigos, pela motivação, companheirismo e pela valiosa, duradoura e sincera amizade, sem a qual este trabalho não seria possível.

A função do jogo (...) pode ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta *por* alguma coisa ou a representação *de* alguma coisa (HUIZINGA, 1971, p. 16).

RESUMO

O esporte é um importante campo de manifestação e reprodução das relações humanas e, como tal, acaba por deixar entrever na sua prática diversos elementos intrínsecos aos indivíduos que o praticam e à sua sociedade. Além disso, o estudo da história da formação, da introdução e da popularização de certas práticas esportivas pode suscitar reflexões acerca de características mais específicas e profundas do desenvolvimento histórico de determinada sociedade.

Nesse sentido, este esforço de pesquisa tem como enfoque a análise de manifestações esportivas da sociedade estadunidense, trabalhando com elementos dos três esportes mais populares daquele país, a saber, o futebol americano, o baseball e o basquete. Tendo em vista as peculiaridades do desenvolvimento e consolidação institucional da prática desses esportes naquela sociedade, o objetivo central aqui é tentar perceber de que formas determinadas visões do passado histórico norte-americano são apropriadas e ressignificadas, na construção de toda uma simbologia relacionada a determinado clube, na intenção, por exemplo, de estabelecer uma relação de maior identificação com o público de determinada localidade.

Assim, percebe-se a princípio a referência a elementos de dois grandes temas históricos, na busca por esta identificação com o passado: a história da expansão para o Oeste e a questão da Independência das treze colônias. Ao mesmo tempo, porém de forma mais pontual, também se pode perceber a vinculação com temáticas relacionadas ao desenvolvimento histórico, econômico e cultural em um plano mais regional, local.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	9
2 INDEPENDÊNCIA E PATRIOTISMO	16
3 A EXPANSÃO PARA OESTE	28
4 PARTICULARIDADES REGIONAIS	44
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXO	57

INTRODUÇÃO

Se alguém concorda com Huizinga que a história é o modo pela qual uma cultura lida com seu próprio passado, então a compreensão histórica é empreitada cultural vital e a imaginação histórica uma importante, ainda que negligenciada, faculdade humana.¹

O esporte é um importante campo de manifestação e reprodução das relações humanas e, como tal, acaba por deixar entrever na sua prática diversos elementos intrínsecos aos indivíduos que o praticam e à sua sociedade. Além disso, o estudo da história da formação, da introdução e da popularização de certas práticas esportivas pode suscitar reflexões acerca de características mais específicas e profundas do desenvolvimento histórico de determinada sociedade.

Tendo-se em vista estas considerações, este trabalho tem como enfoque a análise de manifestações esportivas da sociedade estadunidense, envolvendo elementos, essencialmente os logotipos dos clubes, de três esportes muito característicos daquele país, a saber, o futebol americano, o baseball e o basquete. Vislumbrando no horizonte as peculiaridades do desenvolvimento e a consolidação institucional da prática desses esportes naquela sociedade, serão analisados aqui aqueles elementos que busquem fazer referência a acontecimentos, a indivíduos e a determinados contextos marcantes da história dos Estados Unidos da América.

Para tal, serão considerados apenas os clubes das grandes ligas de cada um dos referidos esportes, a *National Football League* (NFL), a *Major League Baseball* (MLB) e a *National Basketball Association* (NBA)². Compostas respectivamente por 32, 30 e 30 clubes, foram analisados mais especificamente aqui aqueles que de um modo mais direto fazem, ou fizeram, referência ao passado histórico norte-americano, de modo a obter uma maior delimitação dentro da perspectiva proposta.

Mas por que a escolha desses três esportes? Em primeiro lugar porque estes são muito próprios, muito peculiares dos Estados Unidos. O *baseball*, conforme aponta Richard Powers³, é a sua “mais antiga e (...) mais completa forma de cultura esportiva popular”. Desenvolvido a partir de um antigo jogo de origem inglesa, o “passatempo nacional”, como foi chamado, passou a ser praticado por clubes amadores elitizados desde a década de 1820, adquirindo grande popularidade nos anos seguintes com a constituição de clubes de

¹ BANN, Stephen. *As Invenções da História. Ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994. P.22-23.

² Liga Nacional de *Football*, Liga Principal de *Baseball* e Associação Nacional de Basquete, respectivamente.

³ POWERS, Richard G. Os Esportes e a Cultura Americana. IN: LUEDTKE, Luther S. *América: Aspectos geopolíticos, culturais e sociais nos EUA*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989. P.224-241.

trabalhadores e pela prática popular. Com a elaboração de “um mito de origem puramente americano”, no qual o *baseball* teria surgido em Cooperstown, Nova York, e com a organização das primeiras equipes e ligas profissionais e semiprofissionais, a partir das décadas de 1860 e 1870, o *baseball* se configura como o jogo norte-americano por excelência⁴. Pode-se argumentar que há uma prática difundida do *baseball* por países da América Latina e no Japão, porém não com uma liga com a expressão, a força, e a tradição histórica da *Major League Baseball*; tradição essa consolidada no imaginário e na cultura popular ao longo da primeira metade do século XX, com a emergência ao longo do tempo de grandes lendas do esporte: a grande final no World Series, a dinastia do New York Yankees, a quebra da barreira racial com Jackie Robinson, e grandes mitos como Ty Cobb, Babe Ruth e Joe DiMaggio.

Também o *football*, como seu nome em português aponta, é um esporte profundamente “americano”, sendo notável a ausência de um campeonato em nível competitivo em qualquer outro país. Desenvolvido a partir de adaptações do nosso futebol (ou *soccer*) e do rúgbi inglês, nos centros universitários norte-americanos ao longo do século XIX, sendo disputado entre universidades a partir da década de 1860, passou a compor parte do panteão dos esportes americanos a partir da constituição das primeiras ligas profissionais, ainda muito precárias e pouco populares, a partir da década de 1920⁵. Mas foi na década de 1960, com a atuação de personagens como Pete Rozelle (comissário da *National Football League*), Al Davis e Lamar Hunt (donos de clubes da *American Football League*), e que culminou na junção das duas grandes ligas profissionais da época, que o futebol americano desponta como o grande esporte dos Estados Unidos. Isto se deu, em parte, é verdade, ao seu dinamismo quando comparado ao baseball, vital para o sucesso na era da televisão⁶. A partir de então, também o *football* elege seus grandes mitos, como a grande final da NFL de 1958 (o chamado “*the best game ever played*”), o primeiro Super Bowl, grandes jogadores, passado por nomes como Johnny Unitas, Jim Brown, e chegando até o mais contemporâneo Jerry Rice, além de toda uma gama de tradições muito próprias. É fato conhecido, mas nem por isso deixa de ser extraordinário notar, que o dia da final do campeonato da NFL, o Super Bowl, é praticamente considerado um feriado nacional, sendo este o evento esportivo televisionado de

⁴ POWERS, Richard G. *op. cit.* p.226-227; RADER, Benjamin G. *Baseball: a History of America's Game*. Champaign: University of Illinois Press, 2008. p.1-59.

⁵ PETERSON, Robert. *Pigskin: The Early Years of Pro Football*. New York: Oxford University Press, 1997. p.13-45.

⁶ FELSER, Larry. *The Birth of The New NFL. How the 1966 NFL/AFL Merger Transformed Pro Football*. Guilford: The Lyons Press, 2008. p.11-75; MACCAMBRIDGE, Michael. *America's Game: The epic story of how pro football captured a nation*. New York: Anchor Books, 2005. p.193-230.

maior audiência no país, além de ser, junto com o Dia de Ação de Graças (no qual também se transmitem partidas de futebol americano), um dos dias em que mais se consomem alimentos no país.

Já para o basquete há uma perspectiva um pouco distinta. O esporte foi criado no final do século XIX, por James Naismith, no seio da Associação Cristã de Moços (YMCA), como uma atividade física que pudesse ser praticada “*indoors*”, ou seja, dentro de um ginásio, de modo a evitar as condições rigorosas do inverno. O novo esporte difundiu-se nos Estados Unidos, nos clubes amadores, principalmente dentre as minorias étnicas (irlandeses, poloneses, alemães). As primeiras ligas profissionais de âmbito nacional surgiram a partir da década de 1930, mas atingiram grandes proporções em 1949, com a formação da *National Basketball Association*, pela junção das duas grandes ligas da época⁷. Apesar de ser um esporte mais difundido mundialmente, sendo também incluído nos Jogos Olímpicos, nenhum outro campeonato possui a competitividade e a qualidade da NBA, tampouco desenvolveu, como nos casos do baseball e do futebol americano, elementos culturais de tão grande expressão nacional: fortes rivalidades, a equipe acrobática dos Harlem Globetrotters e jogadores lendários, como Wilt Chamberlain, Larry Bird, Magic Johnson e Michael Jordan.

Em segundo lugar, e fortemente relacionado ao primeiro ponto por mim levantado, porque estes são os três esportes mais populares dos Estados Unidos. O grupo Harris Interactive, empresa que realiza levantamentos estatísticos via internet, fez, em 2009, uma pesquisa (ver anexo), utilizando por base aqueles adultos que acompanham um ou mais esportes nos Estados Unidos, perguntando: “Se você tivesse que escolher, qual desses esportes você diria que é seu favorito?”. O objetivo geral da pesquisa, que acompanha a trajetória das repostas dadas a esta pergunta desde 1985, é demonstrar que o futebol americano foi, ao longo dos anos, aumentando a margem de diferença para o baseball como o esporte mais popular do país⁸.

Para nossos propósitos é importante notar que, dentre o chamado “Big Four”, as quatro grandes ligas de esportes profissionais, o futebol americano (NFL) aparece em primeiro lugar com 35% da preferência do público, seguido pelo baseball (MLB), em segundo com 16%, o basquete (NBA), em quinto lugar, com 5% e o hóquei (NHL), em sexto, com 4%. Dessa forma, optei por deixar a análise dos clubes de hóquei de fora não apenas pelas

⁷ POWERS, Richard G. *op. cit.* p.230-231; ROSEN, Charley. *The first Tip-off: The Incredible Story of the Birth of the NBA*. New York: McGraw-Hill, 2008.

⁸ HARRIS INTERACTIVE. Football expands lead over baseball as America’s favorite sport. Disponível no site: <http://www.harrisinteractive.com/NewsRoom/HarrisPolls/tabid/447/ctl/ReadCustom%20Default/mid/1508/ArticleId/248/Default.aspx>. Acesso em outubro de 2011.

restrições de tempo para a elaboração do trabalho, mas pelo fato de aparecer como última preferência dos americanos dentre os quatro grandes esportes coletivos profissionais. Além disso, creio que o hóquei se enquadre mais como um esporte “canadense”, visto que apresenta uma popularidade muito alta neste país e dois de seus clubes (o Montreal Canadiens e o Toronto Maple Leafs) lideram as estatísticas como maiores vencedores da Stanley Cup, a final do campeonato, demonstrando, assim, a grande força do hóquei no Canadá.

Tendo assim delimitado seus objetos, o objetivo central deste esforço de pesquisa é perceber de que forma se apresentam certas representações do passado no âmbito dos esportes nos Estados Unidos, e tentando entrever, a partir delas, a relação entre o passado histórico e certas categorias do imaginário social norte-americano. Essas representações, que se reportam a determinados eventos e personagens da história do país, deixam entrever certas noções que a sociedade tem de seu passado (e de seu papel no presente), por meio da valorização de alguns (que são ressignificados, idealizados) em detrimento de outros.

Dentro desta perspectiva, percebe-se à primeira vista a proeminência de dois grandes temas da história nacional resgatados pelos clubes: a história da expansão para o Oeste e a questão da Independência das treze colônias. Assim, se buscará identificar e problematizar os elementos relativos a essas histórias que entram em pauta na busca por uma identificação com o passado. Além disso, também se nota a referência a histórias regionais, que têm elementos representados por alguns clubes, e que constituem uma terceira via de apropriação do passado, porém de maneira mais pontual.

A idéia para a elaboração de um projeto neste sentido foi suscitada justamente pela observância do considerável número de clubes que buscam estabelecer esta ligação com o passado. A isto se soma a grande ausência do tratamento deste tema na historiografia, tanto brasileira, quanto norte-americana, muito embora se note um crescimento dos trabalhos relacionados às práticas esportivas, porém voltados mais a questões sociais, como a discriminação racial e a possibilidade de ascensão social proporcionada pelo esporte.

Conforme a citação que encabeça esta introdução, mesmo que seja até certo ponto negligenciada pela historiografia, a imaginação histórica é uma importante faculdade humana e, como tal, pode possibilitar, através de seu estudo, algumas importantes reflexões acerca da sociedade examinada. Nesse sentido, o próprio campo de pesquisa que envolve a relação história-esporte é ainda uma área em crescimento, em desenvolvimento, dentro da historiografia e, creio, uma área que ainda tem importantes contribuições a dar para o melhor entendimento da sociedade, inclusive dentro da temática das representações e da imaginação social e histórica.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Visto que o presente trabalho norteia-se a partir do conceito de representação e suas implicações sociais, especificamente na sociedade norte-americana, faz-se necessária uma exposição, mesmo que sucinta, de algumas questões a ele relacionadas, as quais perpassam os capítulos seguintes. Dessa forma, proponho-me aqui a empreender algumas reflexões teóricas importantes para o trabalho. Primeiramente há que se considerar a questão da imaginação social, da coesão social, e do papel que as representações do passado assumem dentro destes contextos.

Marcel Mauss, em um ensaio de 1934⁹, ao tratar dos fenômenos da vida intra-social, coloca em análise o tema da coesão social. Muito embora neste ensaio, bem como na grande parte de sua obra, seu enfoque seja as sociedades arcaicas, tradicionais, seus postulados podem servir como um bom ponto de partida para os objetivos deste trabalho. De acordo com Mauss, uma sociedade define-se de duas maneiras. Em primeiro lugar, “por si mesma”, de maneira mais material, mais concreta, a partir de certos elementos, como seu nome, suas fronteiras, “pelos direitos que concede sobre si própria e sobre seu solo (...), por sua vontade de ser una, por sua coesão própria, por sua limitação voluntária àqueles que podem dizer-se *nós* e chamar os outros (...)” (MAUSS, 2005, p.101).

A seguir, e a partir destes primeiros elementos mais objetivos, Mauss identifica o segundo tipo de autoconsciência e coesão: aquele relacionado à “representação coletiva correspondente a esta distribuição dos indivíduos num momento e num lugar determinados” (MAUSS, 2005, p.101). Este tipo de formulação não cabe apenas para as sociedades de tipo arcaico pesquisadas por Mauss, mas para as sociedades humanas em geral. De fato, as representações coletivas têm um papel fundamental na constituição de uma coesão também nas sociedades contemporâneas e para a construção de um sentido para a realidade. Bronislaw Baczko, em *A Imaginação Social*¹⁰, sintetiza bem as contribuições do pensamento de Mauss nesse sentido (BACZKO, 1985, p. 306):

A fim de que uma sociedade exista e se mantenha, assegurando um mínimo de coesão, é preciso que os agentes sociais acreditem na superioridade do fato social sobre o fato individual, que se dotem de uma “consciência coletiva”, isto é, um fundo de crenças comuns que exprima o sentimento da existência da coletividade. Ora, só é possível comungar ou comunicar entre os homens através de símbolos

⁹ MAUSS, Marcel. Fragmento de um Plano de Sociologia Descritiva. Classificação e método de observação dos fenômenos gerais da vida social nas sociedades de tipos arcaicos (fenômenos gerais específicos da vida interior da sociedade) (1934). IN: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005. P. 92-138.

¹⁰ BACZKO, Bronislaw. *A Imaginação Social*. IN: LEACH, Edmund et al. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

(...), através de signos posteriormente concebidos como realidades. Um dos caracteres fundamentais do fato social é, precisamente, o seu aspecto simbólico.

Aqui, Baczko retoma o conceito de “fato social” de Émile Durkheim, que foi uma das influências da obra de Mauss. De modo simplificado, para Durkheim¹¹, fatos sociais consistem “em maneiras de agir, pensar e de sentir que apresentam a notável propriedade de existirem fora das consciências individuais” (DURKHEIM, 2007, p.2). Como tais, os fatos sociais possuem um “poder de coerção”, uma capacidade de moldar as atividades e relações humanas. Esta coerção não se expressa necessariamente em termos de violência física, como por vezes o termo pode sugerir; ao contrário, baseia-se justamente no “prestígio de que seriam investidas certas representações” (DURKHEIM, 2007, p.XXVII)¹², fazendo com que os indivíduos se adaptem a ordem do mundo exterior, por elas representado. Assim, são exemplos de fatos sociais as práticas profissionais, comerciais, os sistemas monetários, lingüísticos, morais, de costumes.

Estas proposições certamente foram criticadas por não levarem em consideração, por exemplo, as particularidades individuais. No entanto, Durkheim argumenta que o indivíduo tem sim um papel na conformação dos fatos sociais, uma vez que ele compõe a sociedade. Além disso, Durkheim também reconhece o papel das consciências pessoais nas ações diárias dos indivíduos. Ele apenas propõe que existem certos elementos exteriores a eles, advindos da coletividade, e que os modelam. Durkheim (2007, p. XXIX) condensa bem esses pontos na citação a seguir:

(...) as maneiras coletivas de agir e de pensar têm uma realidade exterior aos indivíduos que, a cada momento do tempo, conformam-se a elas. São coisas que têm sua existência própria. O indivíduo as encontra inteiramente formadas e não pode fazer que elas não existam ou que sejam diferentes do que são; assim, ele é obrigado a levá-las em conta, sendo mais difícil (não dizemos impossível) modificá-las, na medida em que elas participam, em graus diversos, da supremacia material e moral que a sociedade exerce sobre seus membros. Certamente o indivíduo desempenha um papel na gênese delas. Mas, para que haja fato social, é preciso que vários indivíduos, pelo menos, tenham juntado sua ação e que essa combinação tenha produzido algo novo. E, como essa síntese ocorre fora de cada um de nós (já que envolve uma pluralidade de consciências), ela necessariamente tem por efeito fixar, instituir fora de nós certas maneiras de agir e certos julgamentos que não dependem de cada vontade particular isoladamente.

Não nos interessa aqui todas as facetas do fato social de Durkheim, desenvolvidas em vários textos de sua obra, mas aqui se faz presente um elemento importante. Resumindo sucintamente as idéias de Durkheim e Mauss até aqui pontuadas, constata-se a existência nas sociedades de certos parâmetros (exteriores à individualidade de seus membros, visto que

¹¹ DURKHEIM, Émile. O que é um fato social? IN: *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. P. 1-13.

¹² Idem. *Ibidem*. Prefácio da Segunda Edição P. XV-XXXI.

constituídas pela coletividade), que lhes conferem um sentido, uma coerência, uma noção de si própria e dos *outros*, e que, ao mesmo tempo, orientam as ações e pensamentos de seus indivíduos. E esses parâmetros se expressam nas sociedades por meio de signos, símbolos, representações.

Baczko, no mesmo texto acima referido¹³, introduz suas contribuições ao tema, ao pensar a questão da imaginação social. Como expresso na sua citação anterior, Baczko insiste no aspecto simbólico do fato social como fundamental para a formação da coesão social. É essa dimensão simbólica do fato social que ele vai denominar de imaginação social (por falta de um termo mais preciso, como ele admite). Escreve Baczko (1985, p. 309):

Os imaginários sociais constituem (...) pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual (...) ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a divisão dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; (...). Assim é produzida (...) uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser.

E, sendo essa “representação total e globalizante”, determina também as relações dessa sociedade com os inimigos, os estrangeiros, criando as imagens dos *outros*. Além disso, como Durkheim, Baczko não crê que este imaginário seja isento; pelo contrário, afirma que ele interfere diretamente não só no sentido dado pelo indivíduo à sua sociedade e ao mundo, mas norteando também as suas ações e sendo passível de manipulação dentro das estratégias de exercício da autoridade e do poder.

A mediação do imaginário social com as práticas reais dos indivíduos de determinada sociedade se dá através de sistemas simbólicos, por meio dos quais se torna acessível, “inteligível e comunicável”. Estes sistemas simbólicos, específicos de cada sociedade, baseiam-se em signos, os quais representam certos discursos, que se tornam sensíveis por remeter a certos contextos, experiências, desejos e aspirações muito próprias dela. Como tais, eles remetem a um “esquema de interpretação”, de valorização, fornecendo um arsenal de orientações expressivas e afetivas, e suscitando a “adesão a um sistema de valores”. É inevitável que, neste processo de elaboração de signos, conscientemente ou não, ocorram simplificações e, conseqüentemente, a criação de estereótipos (BACZKO, 1985, p.311).

Dessa forma, sendo um aspecto da vida social, e um fato social que possui um papel singularmente importante na formação de uma coesão, na medida em que proporciona a emergência de um sentimento de união, de origem comum, a imaginação social tem reflexos,

¹³ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit.

manifesta-se nas diversas atividades culturais dos indivíduos desta sociedade. E isto inclui as manifestações esportivas, tema central do presente trabalho.

Cabe agora aqui, dissertar um pouco acerca do conceito “representação”, uma vez que é por meio dele que, conforme exposto anteriormente, se consegue ter uma aproximação sensível com o imaginário social. E é justamente esta relação que está na base deste trabalho.

Talvez o principal autor que se debruce sobre esta questão seja Roger Chartier. Na introdução de *À Beira da Falésia*¹⁴, Chartier apresenta um pouco da trajetória do desenvolvimento deste conceito nas ciências sociais. Surgido no bojo da escola dos *Annales*, do questionamento de noções clássicas que não davam conta inteiramente da apreensão da temática das identidades, ele tinha por objetivo proporcionar a viabilidade de se dar uma resposta mais satisfatória a estes questionamentos.

O conceito clássico de representação possui um duplo sentido: ausência, mas também presença. Ao mesmo tempo em que a representação tem por objetivo “representar”, evidenciar, algo que está ausente, ao fazer isso ela torna-se a presença do objeto, indivíduo ou idéia que buscou representar (CHARTIER, 2002, p.165). Nas palavras de Carlo Ginzburg¹⁵ (2001, p.85):

Por um lado, a “representação” faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar.

Por meio desse conceito, é possível repensar as relações do social com o cultural, através dos signos e imagens construídos pela sociedade para dar sentido a si própria e aos outros. Utilizando o conceito de *habitus* social, conforme abordado por Norbert Elias¹⁶, Chartier (2002, p.10) nos diz que:

A articulação entre as propriedades sociais objetivas e sua interiorização nos indivíduos, sob a forma de um *habitus* social que comanda pensamentos e ações, leva a considerar os conflitos ou as negociações, cujo desafio continua sendo a capacidade de fazer com que se reconheça sua identidade. É do crédito concedido (ou recusado) à imagem que uma comunidade produz de si mesma, portanto do seu “ser percebido”, que depende a afirmação (ou negação) de seu ser social.

¹⁴ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. Introdução Geral. p.7-18.

¹⁵ GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira. Nove Reflexões sobre a Distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁶ O *habitus* social de Norbert Elias é um conceito complexo, trabalhado ao longo de suas obras, com destaque à *Sociedade de Corte*. No entanto, pode-se simplificá-lo, consciente de não apreender toda sua complexidade, como o conjunto do saber social incorporado, internalizado, pelos indivíduos durante a vida em sociedade. Este saber social, apropriado sob a forma de um *habitus*, reflete-se no “todo da economia psíquica, isto é, simultaneamente os controles conscientes do ego, produtores das idéias claras e dos pensamentos apreendidos como tais, e os controles inconscientes, automáticos, das pulsões”. CHARTIER, Roger. *Formação Social e “Habitus”*. IN: *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1988. p.117.

Dessa forma, tem-se a importância fundamental do conceito de representação, visto que, dentro da perspectiva acima exposta, ele permite “articular três registros da realidade” (CHARTIER, 2002, p.11):

(...) por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação de representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada.

Assim, para Chartier¹⁷, não há “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações (...), pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles” (CHARTIER, 2002, p.66).

Dentro disso, há que se considerar os limites da representação, que dependem, como de certa forma já foi comentado, do crédito dado ou recusado a determinados tipos de representação. Chartier¹⁸ (2002, p. 173) identifica duas condições necessárias para que a representação seja inteligível e, conseqüentemente, seja aceitável por determinado grupo:

(...) de um lado, o conhecimento do signo como signo, em sua diferença da coisa significada; de outro, a existência de convenções compartilhadas regulando a relação do signo com a coisa.

Simplificando e resumindo mais objetivamente os fragmentos de idéias de Chartier acima pontuados, a respeito das representações, tem-se que estas são, conforme já comentado por outros autores como Durkheim e Baczko (sob designações diferentes e com nuances próprias), a expressão visível da imagem que determinada sociedade produz de si e de outros elementos do mundo ao seu redor. Este modo de expressão de um imaginário que visa proporcionar uma integração, uma coesão, um ponto de vista comum aos membros dessa sociedade, se dá por meio de signos, de sinais inteligíveis e passíveis de serem aceitos pela coletividade. Além disso, são marcadamente entendidos como tais; são diferenciados do objeto ao qual se reportam, na medida em que os indivíduos que o significam sabem que se trata de uma imagem que representa a presença do referente, na sua ausência; são reconhecidos como um sistema de “convenções compartilhadas” que remetem a determinada idéia, conhecida (e, em geral, aceita) pela comunidade.

Dessa forma, tais sinais são reveladores dessas visões de mundo e da história que representam, além de serem vias de análise para alguns outros elementos, como o lugar dos diversos grupos de indivíduos dentro desta sociedade, a noção que se faz dos considerados

¹⁷ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. O Mundo como Representação. p.61-79.

¹⁸ Idem. *Idem. Poderes e Limites da Representação*. Marin, o Discurso e a Imagem. p.163-180.

estrangeiros ou imigrantes (ou ainda inimigos), e o papel que esta comunidade se arroga frente ao mundo.

Conforme aponta Sandra Pesavento¹⁹, as origens de grande parte das representações (e dos pressupostos que representam) nas sociedades contemporâneas estão ligadas ao advento do Estado-nação moderno. Esse processo traz como conseqüência a elaboração de uma versão nacional da unidade, que com o objetivo de produzir uma coesão nacional (de acordo com aquelas idéias já expostas acima), “inventa um passado, explica o presente e constrói o futuro”, processo no qual “dá a ver imagens, explica com discursos e legitima ações” (PESAVENTO, 2003, p.210-211). Em outras palavras, dentro dos limites aceitáveis pela coletividade, de acordo com suas experiências históricas e demandas sociais, o Estado-nação, ao longo de seu desenvolvimento, patrocina a elaboração de certas representações de um passado (ou de um ideal do que foi o passado), que objetivam orientar as visões da história e do presente, além das aspirações (sociais, políticas e econômicas) da sua sociedade.

No caso da sociedade norte-americana em particular, a emergência deste tipo de imaginário e as representações a ele atribuídas desenvolveram-se paralelamente à constituição dos Estados Unidos como país, ao longo de todo processo de construção da nação. As idéias evocadas pelas imagens analisadas ao longo desse trabalho, como se notará, têm sua origem em diversos momentos da história desse processo e como se tentará mostrar, tem permanências até hoje, através das representações que a elas se reportam em vários âmbitos, entre eles o esportivo.

Cabe ressaltar ainda a importância dessa dinâmica de apropriação das representações do passado norte-americano para os clubes esportivos profissionais. O esporte profissional nos Estados Unidos possui um caráter extremamente capitalizado²⁰, sendo todo o ambiente do jogo, as franquias, as ligas, a relação entre os jogadores e os clubes, e entre estes e os torcedores, parte de um grande e lucrativo empreendimento financeiro, pautados por uma relação econômica muito forte. E, como tal, esta relação com o público, mostra-se por vezes incômoda, em especial no que se refere à estruturação dos clubes em franquias, móveis, as quais possuem um vínculo contratual com a cidade onde se estabelecem, podendo ser realocadas ao término deste. A demanda pela presença de um clube profissional nas grandes

¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e Região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). IN: *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

²⁰ Um livro que traz importantes reflexões sobre o assunto, acompanhando a trajetória da constituição da NFL como um negócio é o livro de Michael Oriard: ORIARD, Michael. *Brand NFL. Making & Selling America's Favorite Sport*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007. Embora tenha como enfoque a liga de futebol americano profissional e não aborde especificamente nem a NBA nem a MLB, a obra é uma das poucas acessíveis sobre o tema.

idades americanas é historicamente muito forte. Como bem coloca Benjamin Rader²¹ (2008, p. 2), para o caso do baseball:

O crescimento do jogo profissional estava inextricavelmente ligado às identidades urbanas. Times representativos de baseball profissional exibiam a notável capacidade de proporcionar às cidades identidades emocionais mais profundas; os times ajudavam a definir o caráter particular de uma comunidade urbana uma noção de lugar (...) e memórias coletivas nitidamente traçadas.

Muito embora Rader se refira aqui à época de consolidação do baseball profissional como o esporte americano por excelência, na segunda metade do século XIX, creio que as funções sociais dos esportes na comunidade urbana norte-americana por ele identificadas se aplicam à dinâmica de constituição dos clubes profissionais em todos os esportes, a partir da década de 1870. Na medida em que proporcionam aos centros urbanos esta noção de pertencimento ao lugar, esta “identidade emocional mais profunda”, os clubes profissionais norte-americanos, não apenas os de baseball (ainda que estes tenham sido os pioneiros) passaram a ser importantes demandas das grandes cidades, que ansiavam por uma franquia reconhecida nacionalmente e integrante das grandes ligas. Vários são os exemplos ao longo da história esportiva americana que poderiam ser citados, a começar pelas “expansões” das ligas profissionais, adicionando novas franquias aos campeonatos. Mais recentemente, pode-se citar o caso de Los Angeles, que não possui uma franquia na National Football League desde 1995, quando os Rams mudaram-se para St. Louis e os Raiders voltaram para Oakland. Sem perspectivas de uma expansão na NFL, desde então surgem boatos da transferência de algum clube para Los Angeles, que anseia por possuir uma equipe participante na NFL.

Neste contexto, a criação de uma relação de identidade mais forte com os potenciais torcedores da localidade onde a franquia se estabelece é essencial, e passa pela criação de um vínculo simbólico com esta cidade ou região. Neste sentido, a adoção de um referencial simbólico identificado com episódios da história nacional particularmente importantes para a comunidade onde o clube se localiza, ou então a traços culturais muito próprios dela é uma das vias, e na minha opinião, a principal via de criação de uma tal identificação.

Este caminho, como demonstro a seguir, toma diferentes direções, reportando-se a distintos contextos históricos, encerrando em suas representações ideais construídos ao longo da história americana, os quais permitem vislumbrar importantes nuances da sociedade estadunidense e do seu pensamento acerca do seu passado, dos atores deste passado, e sobre si mesma. É nesta direção que seguem os próximos capítulos.

²¹ RADER, Benjamin G. *Baseball: a History of America's Game*. Champaign: University of Illinois Press, 2008.

2 INDEPENDÊNCIA E PATRIOTISMO

Como já brevemente comentado na introdução deste trabalho, o primeiro grande tema da história norte-americana cujas representações fazem-se visíveis na cultura esportiva daquele país é aquele relacionado ao processo de Independência dos Estados Unidos e a dimensão de patriotismo de que foi imbuído.

O sentimento patriótico é marcadamente perceptível nos esportes norte-americanos, externado em diversas manifestações, como a entoação do hino nacional e a presença constante de bandeiras nos estádios. Os episódios do dia 11 de setembro de 2001 impulsionaram uma onda de patriotismo e homenagens, inclusive com grande repercussão nas transmissões esportivas. É interessante recordar brevemente aqui o caso de Pat Tillman, promissor jogador de futebol americano, que despontava no cenário esportivo nacional quando dos atentados do 11/09, após os quais decide se alistar no exército e tomar parte na Guerra ao Terror. Tendo morrido em ação, foram feitas várias homenagens a Tillman, incluindo uma estátua no University of Phoenix Stadium, casa do Arizona Cardinals, clube que Tillman defendeu por toda sua curta carreira²².

Meu objetivo neste capítulo, porém, não é tanto identificar a dimensão patriótica dos esportes profissionais, mas buscar um pouco das origens das representações acerca da Independência norte-americana, e dos ideais que a permeiam, demonstrando como se inserem dentro do aparato simbólico de determinados clubes.

De fato, a tradição cultural a que fazem referência estas representações remonta à época das Treze Colônias inglesas da América do Norte. Tiveram grande influência na história do desenvolvimento do Novo Continente que se abria aos colonizadores ingleses as noções que estes construíram acerca da “Terra Nova”. Neste sentido, conforme Ellman Crasnow e Phillip Haffeden²³, “a América não foi tanto descoberta quanto inventada” (BRADBURY & TEMPERLEY, 1981, p.40).

O continente americano como um todo foi certamente, desde antes de seu conhecimento por parte dos povos europeus, alvo constante da imaginação destes, a partir da

²² O caso Pat Tillman teve grande repercussão nos Estados Unidos, recebendo homenagens de clubes, jogadores e torcedores. Já se publicou mais de uma biografia do ex-jogador, dentre as quais creio que a de Jon Krakauer seja a de maior sucesso. Nela se pode perceber a descrição de Tillman como um verdadeiro patriota, homem íntegro e de valores que não pôde se acomodar diante da ameaça a seu país e a seus ideais e convicções. KRAKAUER, Jon. *Onde os Homens Conquistam a Glória. A Odisséia de um Soldado Americano no Iraque e no Afeganistão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

²³ CRASNOW, Ellman & HAFFEDEN, Phillip. *New Founde Land (Terra Nova)*. IN: BRADBURY, Malcolm & TEMPERLEY, Howard (orgs.). *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. P.40-65.

tradição medieval cristã, sendo imaginado, por exemplo, como o “paraíso terrestre”. À região que mais especificamente nos interessa aqui, ou seja, as Treze Colônias, foi dado um sentido muito particular por parte de seus primeiros colonizadores de origem puritana. A tradição puritana, influenciada pela crença calvinista da predestinação e do providencialismo e pela *Utopia* de Thomas More, enxergava na América a nova “terra da promessa”, a nova Canaã, aonde seria possível a construção de uma sociedade próspera, distante da podridão da velha Europa, e composta pelos indivíduos predestinados, favorecidos pela Divina Providência.

Com o estabelecimento dos primeiros núcleos de colonização permanente, começa a formar-se, muito calcada nesses ideais do puritanismo, uma incipiente identidade cultural americana. Como parte de uma nova sociedade, embora com uma sabida herança européia, mas que objetivava desprender-se desta por considerá-la viciada e decadente, os colonos puritanos buscavam enfatizar a especificidade da experiência americana. Como tal, fez-se necessário “inventar a América”, inventar uma tradição, uma cultura propriamente americana, empreitada à qual se dedicaram os colonos e, depois da Independência, os estadunidenses.

Dessa forma, como apontam Peter Marshall e Ian Walker²⁴ (1981, p.66):

Entre o estabelecimento do primeiro núcleo de colonização permanente em Jamestown, em 1607, e a Declaração de Independência, em 1776, passaram-se 169 anos. Este foi um período suficientemente longo (...) para o desenvolvimento de novas variantes da cultura ocidental. Os colonos britânicos podiam, e na prática freqüentemente o fizeram, insistir em seus direitos como ingleses, mas também estavam conscientes de que suas próprias histórias e tradições os colocavam à parte dos ingleses na terra natal.

De fato, esta cultura própria americana, desenvolvida ao longo de mais de um século e meio de presença na América, e em cujas bases estava a referida tradição puritana, aparece bastante presente à época da Independência. Apesar da consciência que tinham do seu caráter americano, como bem colocam os autores na citação acima, existem poucos indícios que demonstrem que os colonos ansiavam por uma separação política justificada apenas por isso. Neste sentido, foi decisiva para a Independência dos Estados Unidos da América a pressão do governo britânico em manter um mais rigoroso controle, político e econômico, sobre suas colônias, o que se refletiu em desagradáveis e pesadas leis comerciais, que interferiam nos ideais de liberdade defendidos pelos colonos.

O que mais nos interessa, no entanto, são aquelas manifestações culturais que, após a Revolução Americana, viram-na, refletindo a herança puritana, como um claro sinal da intervenção divina em favor do povo eleito, que apresenta uma “singular virtude cívica”

²⁴ MARSHALL, Peter & WALKER, Ian. A primeira nova nação. IN: BRADBURY & TEMPERLEY. *Ibidem*. P.66-87.

(BRADBURY & TEMPERLEY, 1981, p.67). Dos vários exemplos que Marshall e Walker apresentam, neste mesmo texto, creio ser bem representativo o do reverendo Ezra Stiles, então presidente do Yale College, e publicado sobre o nome de *Os Estados Unidos Elevados à Glória e à Honra*, do qual cito alguns trechos a seguir (BRADBURY & TEMPERLEY, 1981, p.67 e 68).

Como teria sido utópico ter predito na batalha de Lexington que em menos de oito anos a independência e a soberania dos Estados Unidos deveriam ser reconhecidas por quatro soberanias européias, uma das quais seria a própria Grã-Bretanha. Como são maravilhosas as revoluções, os acontecimentos da Providência! (...).

Stiles aponta, a seguir, o futuro da nova nação, à luz do favorecimento da Providência:

(...) os Estados Unidos estão sob peculiares obrigações de tornar-se um povo sagrado para com o Senhor nosso Deus por causa da eminente libertação, salvação, paz e glória com as quais ele coroou agora nossa nova soberania.

Assim, vemos que essas concepções, de origem puritana, do caráter excepcional do desenvolvimento americano, do povo predestinado, escolhido e favorecido por Deus, orientaram as visões acerca do processo de Independência por parte de seus contemporâneos. Na mesma linha, essas idéias continuaram a ter vigência entre os norte-americanos, pautando outros episódios de seu desenvolvimento histórico, por meio de noções como o Destino Manifesto, e de certa forma tendo permanecido até os dias de hoje, como pode ser verificado nas representações acerca desse evento.

É importante, também, considerarmos o papel que a região da Nova Inglaterra teve durante o processo da Revolução Americana e, posteriormente, dentro da nova nação. De acordo com Christine Bolt e A. Robert Lee²⁵, o desenvolvimento comercial da região da Nova Inglaterra ao longo do período colonial proporcionou a esta a possibilidade de um florescimento cultural, que à época da Independência já era notável e continuaria a se desenvolver nos anos seguintes. Dessa forma, a região passou a exercer grande influência nas outras colônias da América do Norte. A origem do pensamento puritano que se difundiu pelos Estados Unidos tem origem justamente na Nova Inglaterra, onde se assentaram grande número de puritanos. Além disso, há que se ressaltar o papel que os habitantes da Nova Inglaterra tiveram no movimento pela Independência, por meio da difusão de idéias políticas.

Dentro da Nova Inglaterra há que se citar a cidade de Boston como grande exemplo da importância que a região adquiriu. Boston é o símbolo da cultura da Nova Inglaterra, a “cidade rica, central, que recebia e enviava gente, mercadorias, idéias do mundo e dominava não somente a região como também a América no primeiro século de colonização”

²⁵ BOLT, Christine & LEE, A. Robert. A Nova Inglaterra na Nova Nação. IN: Idem. Ibidem. P.88-115.

(BRADBURY & TEMPERLEY, 1981, p.88). Com a proliferação de pensadores, artistas, eruditos, escritores, comércio e publicação de livros, centros educacionais, Boston estava na vanguarda da cultura norte-americana da época, sendo o grande centro difusor de idéias; que contavam, sem dúvida entre as mais importantes, com o pensamento puritano e o liberalismo, que culminaram na Revolução Americana.

Dessa forma, não é de espantar que seja na Costa Leste dos Estados Unidos, nos estados do norte, que anteriormente compunham a região denominada de Nova Inglaterra, que mais abundam as representações, no âmbito dos esportes, que se remetem ao processo de Independência e seus ideais.

O caso mais explícito é, sem dúvida, o do New England Patriots. A franquia é um dos oito membros originais da *American Football League* (AFL), liga surgida no início da década de 1960 e que rivalizou com a *National Football League* (NFL) até a junção das duas em 1966. A franquia foi designada ao empresário de Boston, Billy Sullivan, que, como era prática comum na época, submeteu a escolha do nome do novo clube à votação popular. O nome vitorioso foi Boston Patriots e já na sua primeira temporada foi elaborado o símbolo que seria o logo oficial e mascote do clube até 1992, quando foi substituído pelo atual. Quando o clube, em 1971, resolveu mudar-se para um novo estádio em Foxborough, ainda em Massachusetts, trocou também seu nome, para New England Patriots. Desse modo, não apenas mantinha o vínculo com Boston, mas também passava a abranger uma área maior de potenciais torcedores. Mais do que isso, não era absolutamente necessário trocar o adjetivo de Patriots, uma vez que a temática simbólica do clube poderia continuar a mesma e até reforçar-se ao se associar à região da Nova Inglaterra, historicamente ligada ao patriotismo da Guerra de Independência.

O ícone do “Pat the Patriot” (figura 1) é o grande exemplo da associação do clube não apenas com a região de Boston e da Nova Inglaterra, mas também com a representação dos mais altos ideais patrióticos estadunidenses, ou seja, aqueles expressos nos ideais da Revolução Americana: a peculiaridade da experiência americana, o ideal de liberdade e a noção de nação predestinada pelo desígnio divino. O “Patriot Pat” é a representação de um *minuteman*²⁶ da Guerra de Independência, vestido com as cores da bandeira dos Estados Unidos, trajando a tradicional casaca azul e o chapéu de três pontas, colocado na posição de *snap* do futebol americano. Esta posição pode ser interpretada como uma referência ao ideal de força, de dureza, comuns ao futebol americano e aos patriotas da Revolução, visto que a

²⁶ *Minutemen* era a designação dada aos colonos que pegaram em armas durante a Revolução Americana, os quais estavam prontos para a batalha a qualquer minuto.

posição que o “Patriot Pat” encarna é o *center*, jogador da linha ofensiva, cuja função é basicamente iniciar a jogada entregando a bola ao *quarterback* e, por meio do uso da força física, abrir caminho para o seu time. O “Pat” foi substituído como logotipo e mascote oficial, em 1992, pelo chamado “Flying Elvis” (figura 2). Este consiste em uma versão de perfil do patriota (a qual segundo alguns se assemelha ao cantor Elvis Presley, de onde vem seu apelido), que manteve as cores da bandeira, porém o descaracterizou muito. No entanto, isso parece não ter tido grande repercussão entre os fãs, tendo sido provavelmente ofuscado pelo grande sucesso do time liderado por Tom Brady na última década, conquistando três títulos e sendo presença constante nos *playoffs*.



Figs. 1 e 2 – O “Patriot Pat”, primeiro mascote e logotipo do Boston/New England Patriots, o qual estampou o capacete do clube entre 1960 e 1992 (esquerda); e seu substituto, o “Flying Elvis” (direita).

Outra região que tem também grande vínculo simbólico com o processo de Independência dos Estados Unidos, em especial com o ideal de liberdade defendido pelos rebeldes, é a Pensilvânia, mais especificamente a cidade da Filadélfia. Foi no *Pennsylvania State Hall*, hoje chamado de *Independence Hall*, na Filadélfia, que, em 1776, reuniram-se os chamados “Pais Fundadores” e redigiram a Declaração de Independência dos Estados Unidos; posteriormente, em 1787, no mesmo prédio, foi elaborada a Constituição do país. Além disso, a cidade possui um dos maiores símbolos da Independência norte-americana, o *Liberty Bell*. Literalmente o “sino da liberdade”, trata-se do sino que costumava localizar-se no alto do *Independence Hall* e que foi tocado logo após a proclamação da Independência. O *Liberty Bell* possui ainda uma inscrição bastante representativa do pensamento da época: “*Proclaim Liberty throughout all the land unto all the inhabitants thereof*”²⁷. A frase foi retirada do livro bíblico do Levítico e demonstra, mais uma vez, a idéia de que os norte-americanos faziam do sua luta pela Independência: que como povo virtuoso, escolhido por Deus, destinado a ser

²⁷ “Proclame a Liberdade por toda a terra e a todos os seus habitantes”.

independente pela Providência, tinha o dever de representar, defender e pronunciar o valor cívico da liberdade por todo o país.

A identificação da Filadélfia com os valores de liberdade e com a Independência, expressa, por exemplo, em um dos apelidos da cidade, “o berço da liberdade”, aparece também no seu clube de basquete: o Philadelphia 76ers.

A franquia que hoje é o Philadelphia 76ers foi fundada em 1939, na cidade de Syracuse, Nova York, sob o nome de Syracuse Reds. Quando a equipe juntou-se à *National Basketball League* (NBL), em 1946, trocou de nome para Syracuse Nationals. Já então aparecia na simbologia adotada pelo clube a exaltação dos valores patrióticos, visto que trazia em seu logo (figura 3) a silhueta do mapa da parte continental do país e, ao fundo, as cores e os elementos componentes da bandeira dos Estados Unidos da época da Revolução Americana: as treze listras em vermelho e branco (apesar de estarem na posição vertical) e o círculo de estrelas.

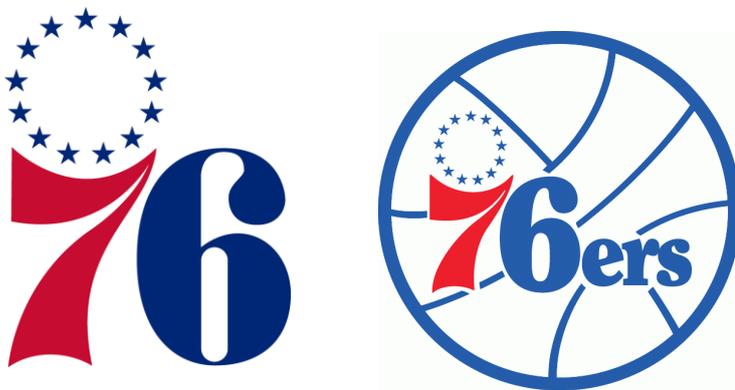


Fig. 3 – O logotipo do antigo Syracuse Nationals, que se manteve sem grandes alterações, até o clube transferir-se para Filadélfia.

O clube manteve-se sediado em Syracuse até 1963. Na época, o Nationals era a única franquia não baseada em uma cidade considerada de grande porte. Como tal, sua lucratividade ficava bem abaixo dos outros componentes da NBA (já estabelecida desde 1949). Assim, ao final da temporada de 1962-1963, a franquia foi vendida para investidores da Filadélfia. Ao se estabelecer na nova localidade, o clube promoveu um concurso para eleger um novo nome. O vencedor foi o Philadelphia 76ers, em referência ao ano da Declaração da Independência do país, redigida na Filadélfia.

As cores do uniforme do Philadelphia 76ers continuaram a seguir a linha do antigo Syracuse Nationals, refletindo as cores da bandeira. O novo logotipo criado (figura 4), porém, intensificava a simbologia patriótica já preconizada pelos Nationals e a reorientava na direção da cidade da Filadélfia, pelo nome escolhido. Este consiste basicamente no nome 76ers, em azul e vermelho, e treze estrelas organizadas em formato circular, como na bandeira

revolucionária, colocadas sobre o número sete. Apesar de algumas pequenas modificações ao longo do tempo, como a introdução, em 1977, de uma bola de basquete ao fundo (figura 5), o formato básico do logo do clube permaneceu este no período entre 1963 e 1997. Nesse ano, buscou-se alterar um pouco a temática do clube, trocando as cores do uniforme para o preto e o branco, e inserindo um outro modelo de logo, mais moderno. No entanto, na temporada 2008-2009, foram lançados uniformes comemorativos aos 60 anos do clube, que eram réplicas dos da época anterior a 1997. Nessa ocasião, verificou-se a grande popularidade do modelo antigo de uniforme, de modo que na temporada seguinte optou-se por voltar às velhas cores e símbolos.



Figs. 4 e 5 – logos do Philadelphia 76ers entre 1963-77 (esquerda); de 1977-97 e de 2009-presente (direita).

Ao iniciar as pesquisas para a elaboração do presente trabalho, elenquei entre os clubes passíveis de serem enquadrados nesta seção o Philadelphia Eagles. À primeira vista, o material simbólico do clube parecia fazer referência direta aos ideais de liberdade da Independência norte-americana, da qual a águia é um dos símbolos. E nada mais natural, para um clube com sede numa cidade tão identificada com estes ideais como a Filadélfia. Entretanto, não se verifica tal ligação direta na pesquisa empírica. Não obstante, pode-se, a meu ver, falar em uma referência indireta.

A águia tem um significado simbólico que expressa ideais de força, tenacidade, altivez, imponência, visão, e foi adotada como símbolo por diversos povos ao longo da história, como por exemplo, no Império Romano e na França Napoleônica. Nos primeiros anos dos Estados Unidos como nação independente, a *bald eagle*, ou águia careca, passou a ser identificada como o animal nacional. Já em 1782, por exemplo, foi criado pelo Congresso norte-americano o famoso selo presidencial, em cujo centro se encontra uma águia segurando em uma das garras treze flechas e, na outra, um ramo de oliveira com treze folhas. Desde então, a *bald eagle* passou a representar o país, seu governo e seus ideais; e, de acordo com

Benjamin Rader²⁸, ainda no século XIX, as primeiras organizações, de caráter social ou de trabalhadores, que se reuniram para a prática do baseball já eram nomeadas como “Eagle”, com o intuito de demonstrar seu patriotismo. Embora alguns clubes de outros esportes tenham seguido o exemplo desses pioneiros e se reportado à águia com essa intenção, a relação do time de Filadélfia com a simbologia da águia tem uma nuance a mais.

A águia, já então tradicionalmente identificada com os Estados Unidos e com seu governo, foi o símbolo central do chamado *National Recovery Act*. Lançado pelo presidente Franklin Roosevelt, no centro da política do *New Deal*, tencionava estimular o desenvolvimento econômico, especialmente o industrial, na tentativa de reerguer o país após a Grande Depressão dos anos 1930. O ato tornava possível ao presidente interferir nas indústrias, além de autorizar a formação de cartéis e monopólios.

No ano de 1931, um clube sediado no bairro de Frankford, na cidade da Filadélfia, o Frankford Yellow Jackets, então membro da *National Football League* (NFL), a maior liga de futebol americano do país na época, foi à falência, ainda como efeito da Depressão. Após mais de um ano de procura por um novo dono, a NFL, em 1933, concedeu a franquia que ficara vaga com a saída dos Yellow Jackets da Liga, além da estrutura remanescente do antigo clube, para um sindicato, sob o chefia de Lud Wray e Bert Bell, que posteriormente viria a ser comissário da NFL. Os contemplados com a nova franquia decidiram nomear o novo clube como Philadelphia Eagles, em referência ao plano do *National Recovery Act*, cuja insígnia era uma águia azul, uma das cores do antigo uniforme dos Yellow Jackets e também do novo clube. Embora o uniforme utilizado pelos Eagles tenha mudado para verde e prata, e posteriormente para um verde mais escuro, próximo do azul, o clube manteve a *bald eagle*, a “ave nacional”, como seu símbolo central (figura 6).



Fig. 6 – O logotipo atualmente usado pelo Philadelphia Eagles, adotado desde 1996, juntamente com o esquema de cores verde-escuro, da mesma tonalidade do que, na imagem, contorna a cabeça da *bald eagle*.

²⁸ RADER, Benjamin G. *Baseball: a History of America's Game*. Champaign: University of Illinois Press, 2008. p.17.

Dessa forma, a escolha do nome e símbolos da nova organização não foi deliberadamente voltada para a exaltação da águia como emblema nacional, e de todos os valores de independência e liberdade que ele encerra. Entretanto, a inspiração para esta escolha foi uma medida governamental que tinha no emblema da águia a sua legitimidade e identificação com o governo nacional, e em última instância, com o país em si. Assim sendo, o aparato simbólico do clube evoca indiretamente os ideais nacionais de liberdade, por meio da representação da águia, símbolo do país desde os primeiros tempos como nação independente, e que foi significado ao longo do tempo para carregar consigo os ideais norte-americanos de liberdade, valores identificados como muito particulares dos Estados Unidos, de seu governo e de seu povo.

Por fim, o último clube que quero destacar nesta seção, e que também tem uma ligação indireta com a questão da Independência, é o New York Yankees.

A origem do termo *yankee* é, até certo ponto discutível, existindo mais de uma teoria para explicá-la. Entretanto, a versão mais aceita pelos etimologistas²⁹ aponta uma origem holandesa. De acordo com essa teoria, o termo *yankee* seria uma “americanização” do holandês *Janke*, diminutivo para o nome *Jan* (algo como *Johnny* em inglês, ou Joãozinho em português), que teria sido usado pelos colonizadores de origem inglesa para denominar genericamente os colonos holandeses na América do Norte. Uma variante da mesma teoria defende uma derivação do termo *Jan Kaas*, literalmente “João Queijo”, apelido pelo qual eram designados os holandeses na Europa, especialmente pelos flamengos, devido à identificação dos neerlandeses com a pecuária e a produção de derivados do leite, e que teria sido também largamente utilizado pelos colonos ingleses.

O que mais nos interessa aqui, no entanto, é perceber as diversas aplicações e sentidos que a palavra *yankee* adquiriu ao longo da história. Se atualmente o termo tem uma conotação pejorativa fora dos Estados Unidos, especialmente na América Latina e outros países do chamado Terceiro Mundo, fortemente ligado ao imperialismo norte-americano do século XX, dentro dos Estados Unidos a palavra adquiriu vários significados ao longo do tempo. O mais conhecido deles é sem dúvida a associação com os estados do nordeste, em especial com a Nova Inglaterra, associação esta que teve origem durante a Guerra Civil, na qual as forças Confederadas denominavam os do da União como *yankees*. Já aqui, a palavra era utilizada em tom depreciativo. Entretanto, a raiz mais profunda dessa conotação pejorativa, e da associação

²⁹ Fonte de referência na Internet: Online Etymology Dictionary (www.etymonline.com) Acesso em agosto de 2011.

do ianque com os estados do norte, com a Nova Inglaterra e com o puritanismo, está na Guerra de Independência dos Estados Unidos.

Uma das primeiras manifestações culturais na qual aparece o termo *yankee* é na tradicional canção *folk* “Yankee Doodle”. A canção tem origem anterior ao período da Independência e, como evidencia sua letra, era cantada pelos soldados ingleses como uma gozação à simplicidade, à rusticidade dos americanos. Já aí se pode perceber a imbricação do adjetivo *yankee* ao colono norte-americano, por parte dos britânicos, que foi sendo construída ao longo do período colonial. Durante a Revolução Americana, época na qual já estava consolidada a associação do adjetivo *yankee* aos americanos, ela passou a ser cantada pelos soldados americanos de maneira patriótica, como exaltação da especificidade da cultura americana, passando a ser um dos hinos da Guerra. Neste sentido, a canção é, hoje, o hino oficial do estado de Connecticut.

Assim, muito embora durante o período da Guerra de Secessão o termo *yankee* tenha sido usado de maneira depreciativa pelos próprios americanos, os do sul, para designar os do norte (e em certa medida continue ainda a ser usado), o que mais interessa é perceber dois elementos destacados acima. O primeiro deles é o caráter patriótico de que é imbuído o termo *yankee*, a partir da canção “Yankee Doodle”, durante a Revolução Americana, passando a identificar-se com os indivíduos da Nova Inglaterra, defensores da sociedade livre, democrática e, posteriormente durante a Guerra Civil, do abolicionismo. O segundo, bastante relacionado ao primeiro, é a identificação da palavra *yankee* ao “americano”, por parte inicialmente dos de fora, dos britânicos, mas a seguir assumida pelos próprios estadunidenses, ainda que ao longo do tempo tenha passado a identificar, pejorativamente ou não, mais especificamente os habitantes da Nova Inglaterra.

A franquia que hoje é o New York Yankees foi fundada em 1901, sob o nome de Baltimore Orioles, disputando seus jogos nesta cidade. O clube fazia parte dos oito clubes originais da chamada *American League*, uma liga originada a partir da reorganização da pequena *Western League* (que contemplava as cidades do Meio-oeste americano), e que se propunha a ser uma alternativa à maior e mais antiga *National League* (fundada em 1878), que persistia em manter o esquema com oito equipes, mesmo que com alguma instabilidade e troca de seus componentes. A *American League* mostrou-se um grande sucesso, rivalizando com a *National League* até ser aceita por esta, em 1903, ano em que foi instituído o World Series, as finais entre os campeões das duas ligas.

Os Orioles permaneceram apenas dois anos em Baltimore, transferindo-se em 1903 para Nova York. Em sua nova casa, o clube trocou de nome para New York Highlanders, em

referência ao seu estádio, o Hilltop Park, que se localizava em um dos pontos mais altos de Manhattan. Em 1913, após dividir por duas temporadas seu estádio com outro time da cidade, o New York Giants, o clube resolve mudar sua casa para o estádio Polo Grounds. Perdendo a identificação que tinham com a localidade anterior, o clube resolve assumir o nome de New York Yankees, já popularizado entre os torcedores e imprensa. Mas qual a origem deste nome informal, que passou a ser oficial a partir de 1913 e permanece até hoje?

Isto pode se dever simplesmente ao fato de a franquia ter ido para o norte (identificado como a terra dos *yankees*), de Baltimore para Nova York. Porém há mais do que isso. Na primeira década do século XX, existiam na cidade de Nova York três clubes de baseball: o New York Highlanders, o New York Giants e o Brooklyn Dodgers. Os dois últimos, o Giants e o Dodgers, faziam parte da *National League*, enquanto o Highlanders, como já mencionado, compunha a *American League*. Dessa forma, informalmente a imprensa e os torcedores começaram a referir-se ao Highlanders como o New York Americans, ou seja, o time dentre os três da cidade que jogava na *American League*. Da tradicional associação do “americano” com o “ianque”, logo se cunhou o termo New York Yankees, que se revelou bastante popular entre os fãs de baseball e se consolidando como nome oficial do clube a partir de 1913.

Como se vê, de modo semelhante ao caso do Philadelphia Eagles, não há na origem do nome do New York Yankees a intenção explícita de se reportar aos ideais patrióticos da Independência por meio do termo *yankee*. Contudo, está presente na origem do clube a associação sinonímica entre americano e ianque, a qual tem suas raízes na Revolução Americana, de algum modo refletindo seus ideais, em especial o de patriotismo, mesmo que carregue certa negatividade. De fato, muito embora nos uniformes e bonés dos jogadores a insígnia do clube seja composta, como acontece na maior parte da liga, apenas das iniciais da cidade (NY), o clube de certa forma assumiu esse caráter mais patriótico por meio de seu logotipo oficial (figura 7), criado em 1947 e mantido até hoje, apenas com leves alterações em algumas cores. Nele se encontra, com uma bola de baseball ao fundo, o nome Yankees, cortado por um taco, em cima do qual se acha um bastante conhecido e característico chapéu estilo Tio Sam, com as cores da bandeira nacional.



Fig. 7 – Logotipo oficial do New York Yankees.

O fato de o New York Yankees ser o time mais vencedor da *Major League Baseball*, tendo contado com talvez os maiores jogadores da história da Liga, como Babe Ruth, Joe DiMaggio e Mickey Mantle, além de ser uma das mais valiosas e rentáveis franquias do esporte profissional americano, aliado à associação do clube com a imagem, patriótica sim, mas fortemente ligada ao imperialismo, do Tio Sam contribuiu para a polarização da torcida no território norte-americano. Por um lado, o clube conta com uma grande base de fãs na região de Nova York e no estado de Nova Jersey como um todo, mas também em todo o país. Por outro, quem não é torcedor dos Yankees geralmente não fica indiferente ao clube, e sim o odeia, em especial na zona de Boston (curiosamente na Nova Inglaterra, tradicionalmente identificada como a região de origem do ianque), onde há uma forte rivalidade com os Red Sox. De fato, um dos apelidos do clube, dados pelos torcedores rivais é “império do mal”, devido ao seu vínculo com o ianque/Tio Sam e o imperialismo exercido pelo clube, tanto em termos de marketing e lucros, como em títulos da liga.

3 A EXPANSÃO PARA O OESTE

Neste terceiro capítulo, porei em questão as representações acerca da temática da expansão americana para o Oeste, tais quais elas aparecem nos esportes. Início este capítulo analisando um pouco algumas visões acerca da história dessa expansão, como a teoria do Destino Manifesto, o Mito da Fronteira e as importantes contribuições de Frederick J. Turner para os estudos da fronteira.

Um dos grandes marcos historiográficos dentro da constituição de uma história do Oeste norte-americano é, sem dúvida, a obra de Frederick Jackson Turner. A sua *frontier thesis*, exposta em uma série de artigos publicados durante a década final do século XIX e a primeira década do século XX, em especial naquele intitulado “O Significado da Fronteira na História Americana”³⁰, foi analisada por diferentes pontos de vista. Há autores que criticam o conjunto de sua obra, acusando-o de racista e imperialista. Por outro lado, há uma tendência, mais recente, de se considerar a sua importante contribuição para os estudos históricos relativos à fronteira nos Estados Unidos e para o entendimento que os próprios americanos têm da história de sua “marcha para o Oeste”.

O mote central da *frontier thesis* é a ênfase na questão da expansão como o motor essencial do desenvolvimento histórico e do progresso dos Estados Unidos, como pode ser percebido em frases como: “Até os dias de hoje, a história americana foi em grande medida a história da colonização do Grande Oeste” (TURNER In: KNAUSS, p.23). Essa centralidade da expansão para o avanço do país tem por consequência a justificação, *a posteriori*, da política expansionista imperialista norte-americana a partir dos primeiros anos do século XX. No entanto, ao mesmo tempo, Turner apresenta uma grande inovação para os estudos da história do Oeste e da fronteira, a noção de uma fronteira processual, entendida de fato como um processo histórico, opondo-se a idéia de fronteira como algo fixo, pré-determinado.

Juntamente a isso, Turner apresenta alguns elementos que constituem a sua concepção de fronteira. Entre estes elementos figuram, por exemplo, a fronteira como ponto de encontro entre civilização e barbárie e a fronteira como formadora de uma nova nacionalidade, ou seja, a americanização do imigrante europeu por meio do contato com a natureza (fronteira regeneradora), revelando um certo determinismo geográfico. Há também aquilo que Turner aponta como os resultados diretos da expansão: a já referida formação de uma nova

³⁰ TURNER, Frederick J. O Significado da Fronteira na História Americana. IN: KNAUSS, Paulo (org.). *Oeste Americano. Quatro ensaios da história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: UFF, 2004.

nacionalidade, a evolução das instituições políticas do país e a consolidação da democracia, por meio da concepção de que a sociedade da fronteira era baseada na igualdade de condições entre os habitantes e permeada por valores igualitários. Além disso, há que se destacar a importância dada por Turner ao agente da expansão, o *frontiersman*, nas suas diversas formas: o caçador, o *cowboy*, o fazendeiro, o comerciante.

Em boa medida, muitos desses elementos continuam fazendo parte da visão dos americanos acerca do seu passado *western*, daquilo que fazia parte da vida de seus antepassados na fronteira Oeste, mesmo que estes jamais houvessem cruzado o Mississippi. De fato, como bem enfatizou Arthur Ávila³¹, a *frontier thesis* de Turner operou, de certa forma, uma cientifização do Mito da Fronteira. O Mito da Fronteira, originário das concepções providencialistas dos primeiros imigrantes protestantes a assentarem-se na Nova Inglaterra, é, basicamente, a crença mitológica de que o grande responsável pela excepcionalidade dos Estados Unidos é a expansão das fronteiras do país, expansão essa que faz parte do “Destino Manifesto” da nação americana. As idéias de Turner na *frontier thesis*, as quais foram ao encontro das percepções populares acerca do Oeste, expressas no Mito da Fronteira, permitiram a elaboração de uma história nacional que compartilhasse os mesmo símbolos e heróis, proporcionando que os americanos pudessem se identificar com esses elementos em comum, dando uma coesão à comunidade imaginada, no sentido dado por Benedict Anderson (ÁVILA, p.91).

Conforme Richard Slotkin (1992, citado por ÁVILA, 2006, p.95), mitos deste tipo são transformados, modificados e ressignificados ao longo do tempo:

Estórias, retiradas da história, que, através do uso sistemático, adquiriram uma função simbolizadora que é central ao funcionamento cultural da sociedade que as produziu. A experiência histórica é preservada na forma de narrativa que, através de recontagens periódicas, tornam-se tradicionalizadas. Estas qualidades formais são gradualmente convencionalizadas e abstraídas até que se reduzem a um conjunto de poderosos ícones, nos quais a história se transforma em clichê.

Em verdade, o que vemos hoje grandemente difundido é a imagem histórica do *frontiersman* e de seu entorno transformada em clichê. Há, neste sentido, vulgarizações, versões caricaturais do Oeste norte-americano, consagradas no imaginário popular por meio de veículos como a literatura e o cinema, que enfatizam em especial os tipos humanos dessa sociedade. R. A. Burchell e R. J. Gray³² (1981, p. 138) condensaram-na bem, em poucas palavras:

³¹ ÁVILA, Arthur L. *E da fronteira veio um pioneiro: a Frontier Thesis de Frederick Jackson Turner (1861 – 1932)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006. P. 90.

³² BURCHELL, R. A. & GRAY, R. J. A Fronteira de Colonização Oeste. IN: BRADBURY, Malcolm & TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

“Existe uma idéia popular da Fronteira de Colonização Oeste dos Estados Unidos como uma área vasta e vazia onde a natureza apequena o homem e onde as únicas figuras da paisagem são o *cowboy* e o índio, com talvez um ocasional caçador, garimpeiro ou soldado da cavalaria dos Estados Unidos cumprindo um papel coadjuvante. De vez em quando, um comboio pode cruzar da direita para a esquerda, levando pioneiros na direção do sol (...). Pode haver núcleos de colonização dentro dessa terra deserta – pequenos fortes, povoados indígenas e pobres cidades ‘vaqueiras’ – mas não parecem seguir funções urbanas normais, parecendo, em vez disso, estar paradas em silêncio, só ganhando vida quando o gado chega do Texas ou a cavalaria sai para desfechar um merecido contra-ataque sobre rebeldes tribos indígenas”.

De fato, essa é, muitas vezes, a essência do senso comum em relação ao Oeste dos Estados Unidos. Idéia essa que, por vezes, não leva em consideração importantes contribuições dos estudos sobre a fronteira de colonização, como o seu caráter essencialmente dinâmico, próprio de uma área de rápida mudança ligada à expansão nacional, e o seu entendimento como um processo histórico, no qual as áreas desabitadas são paulatinamente ocupadas por pioneiros que as incorporam à cultura do país, contribuições essas já presentes nos escritos de Turner. Ao contrário, tem-se por vezes essa noção de que fronteira Oeste constitui uma zona estagnada e decadente por excelência, na qual habitam seres pitorescos – os estereótipos do *cowboy*, do bandido e do mocinho, do índio feroz e selvagem, do jogador de cartas, do bandoleiro mexicano, enfim, uma imensa gama de personagens – que vivem beirando a barbárie.

Nas representações esportivas dos Estados Unidos, estes personagens também estão presentes. O primeiro deles é o *frontiersman*, em várias de suas possíveis formas; não apenas porque vou abordá-lo antes dos outros, mas também porque é o primeiro símbolo do *Far West* que nos vem à mente quando evocamos esta sociedade, sendo o tipo de representação mais presente nos aparatos simbólicos dos clubes examinados. Neste sentido, se pode perceber um claro sentido de exaltação da figura do homem da fronteira e da sociedade por ele construída – a nação americana que vai para o Oeste –, reflexo das concepções do Mito da Fronteira e do Destino Manifesto.

O primeiro clube que analiso aqui é o Dallas Cowboys. A franquia foi fundada em 1960 e, como geralmente acontece nesses casos, teve seu nome escolhido de forma a obter uma maior identificação com a localidade onde se estabeleceu. Neste caso o Texas; e que símbolo melhor para representar o estado do que o *cowboy*, o *frontiersman* típico da região e considerado já como um ícone nacional. De fato, nos primeiros anos de sua participação na NFL, o time utilizou como símbolo secundário um *cowboy* montado a cavalo e usando um capacete de futebol americano (figura 8), além do seu tradicional logo, utilizado até hoje, que consiste simplesmente em uma estrela, de modo a representar o “*The Lone Star State*”. No

entanto, as representações relacionadas ao *cowboy*, na cultura popular do clube, continuam presentes, por exemplo, no modo de vestir das *cheerleaders* do time, que tentam se aproximar daquele estereótipo consagrado, e no seu mascote, o vaqueiro “Rowdy”.



Fig. 8 – Logo alternativo do Dallas Cowboys, usado na década de 1960.

É significativo que o Dallas Cowboys seja cognominado de “*America’s Team*”. É claro que isso não se deve à simbologia adotada pelo time, e sim ao sucesso da equipe nos anos 70 e no início dos 90 e à conseqüente popularidade adquirida durante esses períodos, tornando-o o time de futebol americano de maior torcida em todo os Estados Unidos. Entretanto, a imagem do *cowboy*, entendida como parte da história da nação como um todo, certamente tem um papel na consolidação da equipe como o time nacional, passível de ser adotado por torcedores das mais diferentes regiões do país.

Outro clube que utiliza representações relacionadas aos pioneiros do Oeste é o San Francisco 49ers. O nome *forty-niners* é uma referência aos mineradores que chegaram à Califórnia em busca de ouro por volta de 1849, durante a Corrida do Ouro e se assentaram na região da baía de San Francisco. Desde sua fundação, em 1946, até os dias de hoje, o clube utiliza-se de diversas referências aos mineiros pioneiros. O símbolo da equipe, utilizado até meados dos anos 1960, era nada menos que a figura típica do minerador do *Far West*, com botas e chapéu de *cowboy*, calças listradas, empunhando duas pistolas (figura 9). Além disso, o capacete dourado utilizado nos jogos, seu mascote, o “Sourdough Sam”, inspirado no mineiro do primeiro logo do clube, e o corpo de *cheerleaders* chamado de “Gold Rush”, o qual também utiliza uniformes que procuram fazer referência ao passado *western*, são outros exemplos de como é trabalhada a imagem da sociedade mineradora.

Um segundo clube que faz alusão à sociedade da Corrida do Ouro, embora de forma mais sutil, é o Denver Nuggets. A franquia, estabelecida em Denver em 1964 teve vários donos e vários nomes ao longo dos anos. Entre 1967 e 1974, o clube, integrante da ABA (*American Basketball Association*), liga paralela à NBA, chamava-se Denver Rockets, uma alusão à empresa de caminhões de seu dono, Bill Ringsby. Prefigurando uma entrada na NBA



Fig. 9 – Primeiro logo do San Francisco 49ers, utilizado desde 1946 até 1962, quando foi substituído pelo atual, que contém apenas as iniciais SF.

na temporada subsequente (ocorrida apenas em 1976), foi necessária uma mudança de nome, visto que o apelido Rockets já era utilizado por Houston³³. Assim, em 1974, o nome escolhido foi Denver Nuggets, aludindo ao passado *western* da cidade. Muito embora durante a maior parte de sua história na NBA o logo do clube tenha apresentado diferentes variações de representações das montanhas do Colorado, o primeiro logo dos Nuggets, ainda da época da ABA, é bastante significativo, na medida que apresenta um mineiro, com um picareta na mão, supostamente descobrindo uma bola de basquete, ao invés de uma pepita de ouro (figura 10). Ainda assim, em uniformes subsequente e outras manifestações como símbolos alternativos, a imagem da picareta continuou sendo parte das representações do clube.



Fig. 10 – Primeiro logo do Denver Nuggets, usado entre 1974-77, retomado brevemente na temporada 1980-81.

Também se encontram representações, em dois clubes, que fazem alusão a personagens heróicos do Oeste. Em primeiro lugar há a referência a uma das mais consagradas figuras da história americana, adquirindo um caráter quase mitológico: Buffalo Bill. William Frederick Cody, “famoso caçador, pioneiro e guia dos desbravadores do Oeste americano”, de acordo com a capa de sua autobiografia³⁴, ficou conhecido pelo imenso número de búfalos que matou, quando caçava para alimentar os trabalhadores da ferrovia da

³³ Ver capítulo seguinte.

³⁴ CODY, William F. *A autobiografia de Buffalo Bill*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

Kansas Pacific Railroad, façanha pela qual ganhou o apelido de Buffalo Bill, e por organizar espetáculos com temáticas *western*, utilizando personagens reais, os quais, em boa medida, contribuíram para consolidar uma versão mítica e estereotipada do Oeste. O clube de futebol americano chamado de Buffalo Bills (da cidade de Buffalo, Nova York) foi assim nomeado em homenagem a esse mito do Oeste americano. Assim, este time apresenta como símbolo um búfalo, desde sua fundação em 1960, embora com variações ao longo do tempo (figura 11); sendo que seu mascote, um búfalo azul, chama-se Billy Buffalo.



Fig. 11 – Logotipo oficial do Buffalo Bills, desde 1974.

O segundo clube que se insere nesta perspectiva é o Texas Rangers. A franquia, integrante da MLB, e originária de Washington, chamava-se Senators até mudar-se para Arlington, Texas, em 1972, quando trocou de nome para melhor se identificar com a localidade. Ora, a companhia designada pelo nome de Texas Rangers havia sido informalmente organizada por Stephen Austin, o “pai do Texas”, na década de 1820, e formalmente constituída nos anos seguintes, com o objetivo de defender o território das incursões mexicanas e indígenas, tomando parte em importantes eventos da história do estado, como a Revolução do Texas e a Guerra com o México. Assim, consolidou-se acerca da companhia uma imagem mitológica de força, derivada do contato com o ambiente de fronteira, bem expressa, por exemplo, na citação: “*A Texas Ranger can ride like a Mexican, trail like an Indian, shoot like a Tennessean, and fight like a very devil.*”³⁵. Exaltando este mito do Oeste, o clube adotou ao longo do tempo vários logotipos, nas quais elementos *western* eram representados (figura 12), como um chapéu *cowboy* sobre uma bola de baseball (1972-82), ou uma estrela de xerife ao centro (1994-2002).

É sugestivo o fato de tanto Texas Rangers, como Buffalo Bills, terem o azul e o vermelho como cores principais (muito embora os uniformes principais dos Rangers sejam branco e cinza). Além de serem as cores da bandeira do Texas, elas são também as cores da

³⁵ WEBB, Walter P. *The Great Plains*. Waltham: Ginn and Company: 1931. P. 166. Comentário sobre os Texas Rangers feito por John S. Ford. “Um Texas Ranger pode cavalgar como um mexicano, trilhar como um índio, atirar como um ‘tennesseano’ e lutar como um próprio diabo”.

bandeira nacional, podendo-se sugerir sua ligação a estes clubes pela concepção de que a história do Oeste, e de seus grandes personagens, é em boa medida a história da nação.



Fig. 12 – Primeiro logo dos Texas Rangers (1972-82).

Por fim, uma última tendência de representações acerca da sociedade da fronteira refere-se a um elemento particular, de vital importância naquela sociedade: o cavalo. Mais que um mero meio de transporte, um instrumento de dinamização da fronteira, o cavalo sempre está presente nas representações do Oeste americano, e no caso dos esportes, não seria diferente.

O primeiro clube que cito como exemplo é o Denver Broncos (NFL). Nesse caso, o clube faz uma alusão aos cavalos selvagens, chamados de brancos, que habitavam as planícies do Oeste e que fizeram parte da sociedade de fronteira norte-americana, como montaria dos *scouts* indígenas, ou em uma das profissões do *cowboy*, o domador de brancos. A franquia, que teve seu nome escolhido por meio de um voto popular, teve vários logos desde sua fundação em 1960, todos retratando cavalos selvagens. Um dos mais significativos, porém, foi usado apenas nos anos iniciais, e consistia em um jogador, devidamente equipado, montando um bronco com facilidade (ver figura 13). Embora as cores do clube tenham mudado, até hoje são utilizados mascotes e símbolos com essa temática.



Fig. 13 – Primeiro logo do Denver Broncos, utilizado apenas até 1962.

Há que se citar também dois clubes da NBA, que tem uma temática simbólica neste sentido. Primeiro, o San Antonio Spurs, franquia baseada na cidade de San Antonio, Texas,

desde 1973, quando foi adotado seu apelido e seu logo (figura 14), que pouco variou ao longo do tempo. Estes fazem uma clara referência às esporas, um dos equipamentos necessários para se cavalgar e que é presença constante, senão obrigatória, nas representações dos *cowboys* e *frontiersmen*, sendo consideradas aparato tipicamente *western*.



Fig. 14 – Logotipo principal do San Antonio Spurs entre 1973 e 1990, mantendo-se o mesmo modelo até hoje.

E, por fim, há que se citar o também texano, não por simples coincidência, mas pela importância das tradições e representações *western* neste estado, Dallas Mavericks. A franquia surgiu graças ao espaço deixado pelo Dallas Chaparrals, que se mudou para San Antonio em 1973, para tornar-se o Spurs. Em 1980, é então fundado o Dallas Mavericks, tomando seu nome dos animais não marcados a ferro, tanto o gado bovino, quanto equino, ocorrência comum no Oeste americano. Em seu primeiro logotipo, usado até 2001, figurava-se claramente a ligação com o Oeste, por meio do símbolo do chapéu de *cowboy*. Entretanto, seu logo atual, usado desde então, reforça a referência ao passado *western* por meio da figura do cavalo (figura 15).



Fig. 15 – Atual logo do Dallas Mavericks.

Um segundo grupo de representações sobre o qual é necessário refletir quando tratamos da questão do Oeste americano é aquele relacionado aos indígenas. No processo de ocupação do Oeste do território norte-americano, grande parte da sociedade branca estadunidense que estava em formação via os indígenas como entrave ao desenvolvimento natural ao qual a nova nação tinha direito por herança divina. Dessa forma, os diferentes grupos indígenas foram sendo paulatinamente deslocados de seu território de origem, cada vez mais restrito às terras que não interessavam ao homem branco, tendo seu modo de vida modificado e destruído, e sendo eventualmente exterminados em campanhas armadas. Paralelamente a isso, desde esta época foram sendo elaboradas determinadas visões acerca do

indígena, que acabaram por pautar as relações da época e as representações dos nativos americanos.

O famoso livro de Dee Brown³⁶ compõe-se de testemunhos destes episódios negros da história norte-americana. Dentre eles, podemos observar como os contemporâneos desse processo elaboraram uma representação do índio como cruel, feroz, o vilão dos tempos do *Old West*. Mais do que isso, em mais de uma passagem se pode perceber como a teoria do Destino Manifesto orientava a ocupação do território. Exemplifico com esta passagem redigida pela Associação Big Horn, de Cheyenne, Wyoming, datada de 1870 (BROWN, 2010, p.200-201):

Os ricos e belos vales do Wyoming são destinados à ocupação e ao sustento da raça anglo-saxã. A riqueza que por incontáveis eras está escondida debaixo dos cumes das nossas montanhas foi ali colocada pela Providência para recompensar os corajosos espíritos cuja tarefa é compor a vanguarda da civilização. Os índios devem dar passagem ou serão esmagados por ondas de emigração sempre crescentes e cada vez maiores. O destino dos aborígenes está escrito em letras claras. O mesmo Árbitro que decretou a queda de Roma sentenciou a extinção dos peles-vermelhas da América.

Assim, no exame deste segundo aspecto, empreender uma mais detida reflexão é bastante importante, sendo que, muito influenciadas pelas concepções da teoria do Destino Manifesto, as imagens construídas acerca do indígena, entendido como um *outro*, apresentam-se como generalizações, caricaturas, estereótipos. É, pois, necessário inserir esta questão dentro do debate acerca da utilização de tais imagens como mascotes e símbolos de clubes profissionais norte-americanos, debate florescente desde os anos 1960 e que vem tomando força nos últimos anos através do ativismo de várias organizações que lutam pelos direitos dos grupos indígenas e que demandam a retirada de tais símbolos.

Estes grupos enfatizam justamente o caráter depreciativo dessas representações, reveladoras de um tipo de pensamento retrógrado, baseado em concepções racistas e excludentes, derivadas do período colonial americano, e que, até certo ponto, continuam a pautar a visão de grande parte da sociedade americana acerca de si e do papel dos seus grupos de indivíduos. A difusão deste tipo de imagens sobre os indígenas, no esporte, foi analisada no livro organizado por C. Richard King e Charles F. Springwood³⁷ (2001, p. 7):

Mascotes de Nativos Americanos perpetuam entendimentos inapropriados, imprecisos, e nocivos, sobre pessoas vivas, suas culturas e suas histórias. (...) Através de fragmentos que são entendidos como indígenas – um cocar, uma machadinha, pintura de guerra (...) – mascotes de Nativos Americanos os reduzem a uma série de desgastados clichês, atrações de espetáculo, e estereótipos racistas, mascarando, senão apagando, as complexidades das experiências e identidades dos

³⁶ BROWN, Dee. *Enterrem meu Coração na Curva do Rio*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

³⁷ KING, C. Richard & SPRINGWOOD, Charles (orgs.). *Team Spirits: The Native American Mascots Controversy*. Lincoln: Nebraska University Press, 2001.

Nativos Americanos. Performances nos intervalos, objetos para torcedores e comércio de massas transformam artefatos sóbrios e reverentes em formas triviais, superficiais e sem vida. (...) Eles fazem mau uso e têm um mau entendimento dos elementos das culturas Nativas Americanas e seus significados simbólicos.

Sendo as representações práticas significantes, que atuam na construção de subjetividades e identidades (KING & SPRINGWOOD, 2001, p. 8):

Estes mascotes indígenas *congelam* conceitualmente os Nativos Americanos, reduzindo-os a interpretações rígidas, planas, de suas diversas culturas e histórias. Além disso, estes mascotes inventados indicam momentos de escrita e reescrita de uma identidade Euro-Americana em termos de conquista, hierarquia e dominação. (...) este tipo de imagem desumaniza e demoniza os Nativos Americanos, restringindo a capacidade da comunidade não-indígena de se relacionar com os índios como atores reais, contemporâneos e significantes.

Ao mesmo tempo, há uma incorporação da imagem trágica do indígena à “comunidade imaginada”, nas palavras de Benedict Anderson. Este tipo de representação “permite à América branca reimaginar-se como personificação parcial da *Indianness*³⁸” e associar-se a essa imagem do indígena, na formação de uma “consciência americana partilhada”, não de forma equânime, mas possuindo inerentes relações de poder de caráter oblíquo, desigual. (Ibidem, p.9).

Este modo de representação do indígena, de certo modo aceita (ou tolerada) pelo consenso social, acaba por pautar o modo como os próprios grupos indígenas percebem sua história e sua cultura, “facilitando a formulação de autoconceitos negativos e de uma auto-estima empobrecida”(Ibidem, p. 331). Além disso, (KING & SPRINGWOOD, 2001, p. 7):

(...) sendo que muitos Euro-Americanos encontram Nativos Americanos *somente* como mascotes e imagens móveis, estes índios irrealizáveis materializam a maioria das imagens de base sobre os Nativos Americanos, apresentando-os como guerreiros batalhando contra colonos e soldados, nobres selvagens em contato com a natureza, bárbaros não-civilizados opondo-se ao civilizado e em última análise triunfante avanço da Euro-América.

Na citação acima, também se pode perceber a vinculação deste tipo de imagens acerca dos índios, que transparece também nos esportes, com as concepções apresentadas pela teoria do Destino Manifesto. Nas palavras de King e Springwood, o uso de tais imagens nos esportes é “uma celebração do sacrifício indígena em nome do progresso imperial de acordo com o plano divino do Destino Manifesto” (Ibidem, p.9).

Obviamente, estes aspectos não são explicitamente abordados pelas simbologias dos clubes; nem poderiam, dado seu caráter discriminatório, imperialista e racista, mas ficam implícitos pelo próprio teor das representações. Ao contrário, aqueles clubes que fazem referência à temática indígena frequentemente afirmam tratar-se de uma homenagem

³⁸ Algo como “indianidade”.

respeitosa à bravura, à tenacidade e à tradicional coragem dos nativos, argumento com o qual não concorda a maioria dos grupos ativistas. Vejamos os casos.

Um dos clubes profissionais que está no centro da polêmica dos mascotes indígenas é o Washington Redskins. A franquia, que é uma das mais financeiramente bem sucedidas da *National Football League*, foi fundada em 1932, tendo-se adotado o apelido “Redskins” no ano seguinte, quando ainda era sediada em Boston, o qual se manteve quando o clube se mudou para Washington. De acordo com a cultura popular do clube, o nome seria uma homenagem a Lone Star Dietz, técnico da equipe entre 1933-34, que dizia ser de descendência sioux. Assim, muitos se identificam positivamente com a imagem dos “peles-vermelhas” sustentada pelo clube. Entre os exemplos pode-se citar o chamado “Chief Zee”, um conhecido torcedor que comparece ao estádio vestido como um chefe indígena, sendo considerado um mascote informal do clube desde 1978.

No entanto, há três elementos que são grandes alvos do protesto em favor dos direitos indígenas, inclusive por parte de torcedores dos Redskins. O primeiro deles, como um elemento mais pontual, é a canção de guerra do time, a chamada “*Hail to the Redskins*”, escrita em meados da década de 1930, e que conclama “seus bravos guerreiros” a “lutar e escalar” seus adversários³⁹. Em segundo lugar, se tem o logotipo do clube, em uso desde 1972, com poucas alterações, e que apresenta uma imagem bastante estereotipada do indígena (figura 16).



Fig. 16 – Logotipo oficial do Washington Redskins (1972-presente).

No entanto, a questão central envolvendo o clube relaciona-se a seu apelido. Muitos não consideram o nome Redskins uma homenagem, nem a um indivíduo, nem aos grupos indígenas, considerado pela maioria dos nativos americanos como “o pior epíteto dado aos Povos Nativos na língua inglesa” (HARJO, p.189). Isto se deve tanto à origem do termo, relacionada à atividade de caça aos indígenas, na qual para se “dinamizar” o processo, pagava-se ao caçador por escampo de “pele-vermelha”, como evidência da morte de um índio;

³⁹ HARJO, Suzan S. *Fighting Name-Calling. Challenging “Redskins” in Court*. IN: KING & SPRINGWOOD. *Op. cit.* p. 191.

quanto pelo teor racista de que foi imbuído o termo ao longo da história americana. É certamente difícil de aceitar uma suposta “homenagem” quando ela vem na forma de uma denominação rejeitada e desprezada por sua carga histórica.

Um segundo clube que traz à tona a temática indígena, de forma igualmente, senão mais, polêmica, é o Cleveland Indians. O clube de baseball, fundado em 1894, teve vários nomes ao longo de sua história. Entre 1903 e 1914, o clube chamava-se Cleveland Naps, uma referência a Napoleon (“Nap”) Lajoie, um de seus lendários jogadores. Quando Lajoie foi negociado com o Philadelphia Athletics, em 1914, o clube precisou escolher outro apelido. O escolhido foi Cleveland Indians em homenagem, de acordo com a versão oficial, a Louis Francis Sockalexis, de origem indígena, que havia jogado no clube entre 1897-99, constituindo dessa forma “um testamento ao primeiro indígena americano do esporte”⁴⁰. Este mito de origem de seu nome foi sendo reforçado ao longo da história do clube.

O principal alvo de protestos, no entanto, é o logotipo/mascote do clube. De fato, o “Chief Wahoo” (figura 17), como é chamado, é considerado talvez como o estereótipo mais caricato e ofensivo aos grupos indígenas americanos. Dado o relativo sucesso financeiro da franquia, aliado à expansão do esporte no país e fora dele, que proporciona o aumento das vendas dos objetos relacionados ao clube, os quais levam seu logotipo, a perpetuação e disseminação de imagens estereotipadas e negativas acerca dos indígenas são alvo da preocupação dos ativistas.



Fig. 17 – O “Chief Wahoo”, logo oficial do Cleveland Indians, aparecendo no aparato do clube, pelo menos desde 1947.

Estes dois clubes, juntamente com as equipes de esportes universitário, entre as quais a utilização de tais imagens foi (e ainda é) freqüente, constituem o cerne dos protestos e dos debates. Quero aqui ainda citar dois clubes que, possuindo também uma simbologia indígena, contribuem para a normalização de imagens negativas e estereotipadas, e como tais, também são alvos de protestos.

⁴⁰ STAUROWSKY, Ellen J. *Sockalexis and the Making of the Myth at the Core of Cleveland's “Indian” Image*. IN: KING & SPRINGWOOD. *Op. cit.* p. 94.

O primeiro deles é o também integrante da *Major League Baseball*, Atlanta Braves. A franquia, uma das mais antigas ainda em atividade na MLB, foi fundada em Boston em 1871, sob o nome de Boston Red Stockings. A alcunha “Braves”, referência aos guerreiros nativos, foi adotada em 1912 e usada até 1935, sendo retomada em 1941 e utilizada até o presente, independente da cidade onde o clube esteve baseado (tendo sido três ao longo deste período: Boston, Milwaukee e finalmente Atlanta, em 1966). Nestes anos, o clube sempre se reportou ao elemento indígena, sendo que seu logotipo atual apresenta um tradicional *tomahawk*, sublinhando o nome Braves (figuras 18 e 19). Neste sentido, é uma prática comum de seus torcedores o chamado “*tomahawk chop*”⁴¹, ato no qual os fãs imitam um golpe de machadinha com a mão ou com um *tomahawk* de espuma, também popular entre os torcedores da equipe universitária do Florida State Seminoles. Esta prática foi, e continua sendo o grande alvo dos protestos contra o Atlanta Braves, inclusive durante os jogos da World Series de 1991, por exemplo.

Outro elemento dos Braves que foi alvo de protestos foi o seu mascote, o chamado “Chief Noc-A-Homa” (anagrama para *knock a homer*⁴²), abandonado graças a esta pressão, em 1986. Este consistia em uma pessoa vestida à caráter, como um chefe, que ficava em uma típica cabana indígena, no alto das arquibancadas, cuja ocupação era sair da cabana e dançar cada vez que o time anotasse um *home run*.



Figs. 18 e 19 – Logotipo oficial do Atlanta Braves (acima); e logo alternativo adotado durante a fase em Milwaukee (1953-65), representando um guerreiro, com o estado de Wisconsin ao fundo (ao lado).

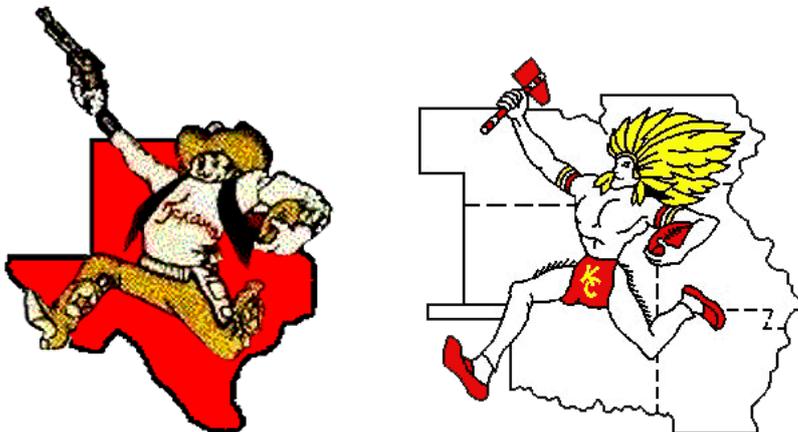
O último time que quero comentar nesta seção é o hoje conhecido por Kansas City Chiefs. A franquia tem uma história simbólica bastante interessante, a qual eu examino a seguir, por revelar bastante sobre as concepções acerca do Oeste americano, não apenas sobre os indígenas, mas também sobre a questão do *frontiersman*, examinada na seção anterior.

⁴¹ Algo como “golpe de machadinha”.

⁴² “Marque um home-run”

A franquia foi fundada em 1960, em Dallas, sob o nome de Dallas Texans, como parte da *American Football League* (AFL), concorrente da NFL na época. Seu fundador, Lamar Hunt, filho de um magnata do petróleo e um aficionado pelo esporte, teve papel central na junção das duas ligas para a formação da moderna NFL. Seu primeiro símbolo apresentava um *cowboy*, tradicionalmente trajado, com chapéu, botas e empunhando uma pistola, com uma bola de futebol americano debaixo do braço e o mapa do Texas ao fundo (figura 20).

No entanto, devido à dificuldade de se conciliar dois times na mesma cidade (Dallas recebeu uma franquia da NFL em 1960, os Cowboys, para fazer frente aos Texans da AFL), os Texans mudaram-se para Kansas City, Missouri, em 1962. Sem mais a identificação com o local onde estava estabelecido, ocorreu a tradicional mudança de nome para melhor se integrar à nova comunidade, sendo escolhido por voto popular o nome Chiefs, trazendo o indígena como símbolo representativo. O curioso é que a mudança no logo do clube foi a simples substituição da figura do *cowboy*, pela do indígena no mesmo modelo, trocando a pistola pela machadinha, o chapéu pelo cocar e as botas pelos mocassins; traçando ao fundo o mapa dos estados de Oklahoma, Arkansas, Kansas, Missouri, Nebraska e Iowa, região do meio-oeste sul americano que o clube visava atingir e que havia sido território indígena (figura 21). Esta transformação é bastante significativa, na medida em que deixa evidente a consolidação dos estereótipos do indígena e do *cowboy* no imaginário social.



Figs. 20 e 21 – Logos do Dallas Texans (esquerda) e do Kansas City Chiefs (direita).

Este logo foi utilizado apenas durante a década de 1960, quando se afirmou aquele em uso até hoje, que consiste em uma ponta de flecha, com as iniciais KC. Outros elementos ainda, ao longo da história do clube, fizeram referência aos índios norte-americanos, como por exemplo, o seu estádio, casa dos Chiefs desde 1972, o Arrowhead Stadium⁴³; ou ainda Warpaint, um de seus mascotes ao longo da história, um cavalo de verdade, montado por um

⁴³ Uma tradução de “arrowhead” seria ponta de flecha.

cavaleiro usando um grande cocar indígena, aposentado em 1989, pela pressão dos ativistas. Em 2009, entretanto, a tradição de usar o Warpaint como mascote foi retomada, por ocasião dos 50 anos da AFL.

Por fim, a terceira e última questão a ser pontuada neste capítulo sobre a expansão para o Oeste é a do elemento hispânico, ou melhor, a da grande ausência de representações que retomem o elemento hispânico, em contraste com a abundância dos ícones do homem da fronteira e do indígena.

Conforme David Weber⁴⁴, isto decorre do fato de muitos americanos rechaçarem, negarem o passado espanhol de boa parte de seu território (apesar do inegável peso da herança espanhola para grande parte do país), por considerá-lo fracassado, decadente, em oposição ao modelo anglo-saxão, bem sucedido. Neste sentido, afirma Weber (2000, p.16), acerca das primeiras histórias nacionais norte-americanas:

Ainda que os Estados Unidos sempre tenham sido uma sociedade multiétnica, a maior parte das histórias gerais da nação sugeriu que suas origens coloniais residiram por completo nas treze colônias inglesas. Na cultura popular norte-americana o passado da nação tem sido entendido como o relato da expansão da América inglesa, e não como os relatos sobre as diversas culturas que formam nossa herança nacional.

De fato, herança de um preconceito originado na construção de uma das diversas alteridades que ajudaram a moldar a identidade norte-americana ao longo de sua história, há o preterimento do passado hispano-americano da metade oeste do país, em favor do passado expansionista centrado no modelo do “*White Anglo-Saxon Protestant*”, imaginado como o molde essencial para o franco desenvolvimento dos Estados Unidos. Assim, não é de espantar que nos clubes de esportes profissionais que se localizam em regiões de antigo domínio espanhol não haja referências a essa tradição, visto que ela não é considerada como eminentemente nacional. Nestes casos, ou há uma relação com algum dos outros elementos da história do Oeste (já expostos acima), considerados dignos integrantes do passado nacional, ou então são adotados ícones de outras naturezas que se identifiquem com a região, como, por exemplo, a fauna ou o ambiente local: caso de Miami Dolphins e Jacksonville Jaguars (NFL), Colorado Rockies e Florida Marlins (MLB).

O único clube com um referencial hispânico é o San Diego Padres, da *Major League Baseball*. A franquia, criada em 1969 em San Diego, presta uma homenagem aos padres franciscanos espanhóis que fundaram a cidade, em 1769, ao estabelecer uma missão na localidade. O símbolo do clube (figura 22), o “Swinging Friar”, que é também seu mascote,

⁴⁴ WEBER, David J. La Herencia Española y la Imaginación Histórica. IN: *La Frontera Española en América del Norte*. México: FCE, 2000.

apresenta um frade posicionado como se estivesse rebatendo uma bola. No entanto, este caso se trata realmente de uma exceção.



Fig. 22 – O “Swinging Friar”, logo do San Diego Padres, até 1984, permanecendo, porém, nos uniformes e como mascote até hoje.

4 PARTICULARIDADES REGIONAIS

Já foi comentado anteriormente que a presença de organizações esportivas profissionais é um grande fator de formação e reforço das identidades locais nas grandes cidades norte-americanas. Neste sentido, a adoção por parte dessas organizações de símbolos significativos para a comunidade na qual se inserem tem um papel vital.

Nos capítulos anteriores, procurei mostrar como, em boa parte dos casos, esta identificação local se dá por meio de um vínculo simbólico com elementos ou episódios consagrados na grande história nacional americana. Porém, há casos significativos, nos quais importantes particularidades históricas locais são representadas no aparato simbólico dos clubes; elementos estes que certamente fazem parte da história norte-americana, muito embora não sejam “canonizados” em seu panteão, como o são a temática da independência e da expansão para o Oeste. Ainda assim, eles oferecem a sua parcela de contribuição ao entendimento daquela sociedade, de modo que são o tema deste último capítulo, o qual, para fins de melhor exposição dividi em dois enfoques.

O primeiro desses enfoques se refere àqueles clubes que, de uma forma ou outra, neste processo de identificação com a sua localidade, recorrem a elementos relacionados a determinados tipos de atividades econômicas que a região tradicionalmente desempenha, ou desempenhou, e que acabaram por se consolidar no imaginário social como tais.

O clube talvez mais exemplar desta forma de abordagem é o Pittsburgh Steelers. O estado americano da Pensilvânia, mais particularmente a região da cidade de Pittsburgh, está muito ligado à produção industrial do aço, sendo desde meados do século passado os maiores produtores do minério nos Estados Unidos. A franquia dos Steelers é uma das mais antigas ainda em atividade na NFL. Tendo se estabelecido em Pittsburgh em 1933, sob o nome de Pirates, o clube trocou de apelido em 1940, em referência à importante produção de aço da cidade. Aí está presente o já comentado desejo de se estabelecer um vínculo mais duradouro com a localidade, atestado também pelas cores de uniforme adotadas, o amarelo e preto, cores da bandeira da cidade de Pittsburgh.

Mas o talvez mais curioso a respeito dos Steelers seja o seu logotipo oficial. Como clube representante dessa importante zona produtora de aço, adotou-se, em 1963, como logotipo para a franquia uma adaptação da chamada “Steelmark”. A Steelmark é um logotipo comercial, criado em 1960 pelo *American Iron and Steel Institute* (AISI)⁴⁵, para promover os produtos elaborados a partir do aço e seus fabricantes. Ela consiste em um círculo com a

⁴⁵ Literalmente, Instituto Americano do ferro e aço.

palavra Steel, ao lado de três losangos de cores diferentes, simbolizando as três matérias-primas usadas na fabricação do aço (figuras 23 e 24). Fica claro, assim, a vinculação do clube com esta importante atividade econômica da região.



Figs. 23 e 24 – Logo oficial do Pittsburgh Steelers (esquerda), baseado no “Steelmark”, da AISI (direita).

Um segundo clube que apresenta este tipo de simbologia é o Milwaukee Brewers. Neste caso, faz-se referência à associação da cidade com a indústria cervejeira, atividade econômica muito forte na região. A franquia, integrante da MLB, é originária de Seattle (fundada em 1969 sob o nome de Seattle Pilots) e estabeleceu-se em Milwaukee em 1970, após ter sido comprada por Bud Selig, que mais tarde se tornaria comissário da Liga. Desde então, o clube passou a representar esta ligação com a produção de cerveja de várias formas, a começar pelo próprio nome.

No caso dos Brewers, seus mascotes sempre foram significativos neste sentido. O primeiro deles, o “Beer Barrel Man”, foi uma reapropriação do mascote utilizado por um extinto clube sediado em Milwaukee na década de 1940, o qual também chamava-se Brewers. Ele consistia em um homem composto por um barril de cerveja rebatendo uma bola de baseball, símbolo que foi também o logo oficial do clube até 1977 (imagem 25). Em 1973, o clube instituiu como mascote oficial o “Bernie Brewer” (persistente até hoje), um alegre homem de bigodes louros, que passou a ficar no alto do estádio, em um tipo de chalé tradicional, do qual ele descia em um escorregador, cada vez que a equipe marcava pontos, indo aterrissar em um enorme caneco de cerveja, sendo ocasionalmente acompanhado, na década de 1970, por uma versão feminina, a igualmente loura “Bonnie Brewer”.



Imagem 25 – O “Beer Barrel Man”, primeiro mascote e logo do Milwaukee Brewers.

Os novos logos do clube, adotados na virada do século, apresentam um formato mais moderno e uma mais sutil relação com a simbologia cervejeira, representada apenas pela presença de ramos de cevada, junto ao nome do clube (figura 26).



Fig. 26 – Um dos logos alternativos usados pelos Brewers, desde 2000, representando o estado de Wisconsin, com a inicial da cidade sublinhada por um ramo de cevada.

De modo semelhante, é preciso pelo menos citar o clube do Chicago Bulls. Tendo sido fundado e tendo ingressado na NBA em 1966, a franquia mantém o mesmo nome e logotipo (figura 27) desde então. Estes aludem à indústria frigorífica, uma das importantes atividades econômicas desempenhadas na cidade de Chicago, pelo menos desde a década de 1850; embora, ao contrário dos casos anteriores, não haja uma tão explícita louvação a ligação da cidade com esta atividade – ofuscado, talvez, pelo enorme sucesso da equipe nos anos 1990, conquistando seis títulos sob a liderança de Michael Jordan, o maior ícone do clube, suplantando a própria figura do touro. Ainda assim, é significativo que a franquia se mantenha em Chicago com esta simbologia, atestando a consolidação da cidade como sendo historicamente o principal centro da produção frigorífica, dentro do imaginário social.



Fig. 27 – Logo do Chicago Bulls, desde sua fundação, representando um touro, com sangue nas pontas dos chifres.

Um outro exemplo que se pode ligar a essa temática são dois clubes da cidade de Houston: o Astros (MLB) e o Rockets (NBA). Ambos fazem referência ao papel da cidade de Houston dentro do programa espacial norte-americano, sede do Lyndon Johnson Space Center, grande complexo de treinamento e de controle de missões espaciais da NASA. Aqui, não se trata, obviamente, de uma característica econômica, mas se assemelha aos outros por constituir igualmente um fator de identificação da cidade com uma função de produção (no

caso, de conhecimento espacial) dentro do país, reconhecida não apenas pelos seus habitantes, como também pela população americana em geral.

No caso do Houston Rockets, esta identificação é um pouco mais difusa, visto que a franquia é originária de San Diego, onde já possuía este nome, ligado ao programa local de desenvolvimento de mísseis⁴⁶. É significativo, no entanto, que se tenha mantido o nome original, apenas ressignificando-o, como atesta a utilização do símbolo do foguete em seus símbolos, a partir da fixação em Houston, em 1971 (figura 28).



Fig. 28 – Logo principal do Houston Rockets, de 1995 a 2003.

Por outro lado, a trajetória do Houston Astros é um pouco diferente, porém igualmente, senão mais interessante. Isto se deve ao primeiro referencial simbólico adotado pelo clube, estabelecido em 1962. Nos primeiros anos de sua existência, o clube chamou-se Houston Colt .45s, nome escolhido por meio de um concurso, e que fazia referência à pistola Colt, a arma da conquista do Oeste, por excelência (figura 29). Dessa forma, como uma boa organização esportiva texana, a franquia retomava a temática *western*, podendo muito bem ter sido abordada no capítulo anterior.



Fig. 29 – Logotipo do Houston Colt .45s (1962-64).

Em 1965, porém, foi construído para o clube um novo estádio coberto, o chamado Astrodome, em referência clara ao programa espacial americano, desenvolvido na cidade. Nesta ocasião, foi considerada pertinente a mudança do nome do clube para Astros, e a da temática *western* para a espacial. Esta temática permanece até hoje, atestada, por exemplo, pelo tradicional logo do disco voador, mantido em sua essência desde 1965 até 1993 (figura 30), e pelo mascote dos anos noventa, o extraterrestre Orbit.

⁴⁶ A palavra “rocket” refere-se tanto à míssil, como à foguete.



Fig. 30 – Logo do Houston Astros de 1975-93, que manteve o modelo dos anos anteriores.

Cabe ainda mencionar dois outros exemplos, nesta seção, relacionados a essa identificação de uma região com uma atividade específica, transparecendo nos esportes. Trata-se do Detroit Pistons (NBA) e do extinto Houston Oilers⁴⁷ (NFL). Em ambos os casos, porém, os clubes foram nomeados de acordo com atividades econômicas de seus donos – Fred Zollner, dono de uma companhia fabricante de pistões para carros, em Detroit; e Bud Adams, envolvido no ramo de extração de petróleo, em Houston – e não como homenagem à região onde se localizavam, como nos casos acima. No entanto, é significativo que seus simbolismos tenham sido aceitos pelos fãs como legítimos, refletindo as idéias do imaginário social sobre o papel cumprido no cenário nacional por certas localidades (extração de petróleo no Texas e indústria automobilística em Detroit).

É interessante notar ainda que, dentre os clubes levantados por mim até aqui neste capítulo, todos, à exceção das três organizações de Houston, estão sediados em cidades da região norte do Meio-Oeste americano: Pittsburgh, Milwaukee, Chicago e Detroit. Esta confluência se torna notável, na medida em que consideramos a importância da produção do Meio-Oeste para o crescimento econômico dos Estados Unidos; e dentro dessa vasta região, a consolidação de todas estas cidades como importantes centros urbanos e financeiros da região, sobressaindo-se cada uma delas em áreas produtivas específicas.

O segundo enfoque que quero dar neste capítulo refere-se a questões de cunho mais cultural. Muito embora se tenha difundido a concepção de um modelo vencedor de americano, baseado no “*White Anglo-Saxon Protestant*”, os Estados Unidos têm na sua composição como país a influência de diversas culturas. E a importância dessa variedade cultural, em especial para determinadas regiões onde são mais fortes, é atestada pela expressão de seus símbolos característicos em vários espaços, inclusive nas representações esportivas, cujos casos analiso a seguir.

⁴⁷ Hoje, Tennessee Titans. O clube se mudou de Houston devido a desavenças de seu dono, Bud Adams, com a cidade. Estabelecendo-se em Nashville, a franquia mudou de nome para Titans e adotou elementos da bandeira do estado do Tennessee em seu logo, de modo a melhor se identificar com seu novo público.

Um desses elementos culturais é o jazz. O jazz é uma importante manifestação cultural originária do Sul dos Estados Unidos e que ao longo do século XX se constituiu como parte da cultura nacional. De acordo com Eric Hobsbawm⁴⁸, o jazz nasceu da fusão de elementos da música africana com componentes de origem anglo-saxã, francesa e, em menor escala, espanhola. E essa fusão se deu principalmente no Sul, sendo o jazz, dessa forma, particularmente significativo para essa região.

Porém, há uma localidade particular para qual o jazz tem, por suas profundas raízes históricas, uma importância cultural muito grande: a Louisiana, mais especificamente, a cidade de Nova Orleans. Diz Hobsbawm (2010, p.69):

É óbvio (...) que o jazz não “nasceu simplesmente em New Orleans”. De uma forma ou outras, a mistura de elementos africanos e europeus estava se cristalizando em forma musical em muitas partes da América do Norte. No entanto, New Orleans pode arrogar-se o título de berço do jazz, contra todos os outros postulantes, pois foi lá, e só lá, que a banda de jazz surgiu como fenômeno de massa. (...) A primazia de New Orleans não pode ser questionada. Em nenhum outro lugar havia músicos de jazz nascidos já em 1870 (...).

Isto se deve ao fato de Nova Orleans ser, na época, a maior cidade do Sul americano em termos populacionais, contando com um proletariado negro livre, além de brancos pobres, que aumentaram a demanda por este tipo de entretenimento. Além disso, sua localização, na foz do Mississippi, fazia de Nova Orleans um lugar privilegiado para esta fusão de elementos musicais que deu origem ao jazz.

Dessa forma, dois clubes de esportes profissionais atestam a relevância cultural do jazz para esta cidade. Em primeiro lugar, figura o New Orleans Saints. O clube, que nos últimos anos reforçou seus laços identitários com a cidade ao sofrer juntamente com a população os efeitos do furacão Katrina, em 2005, abrigando as vítimas no Louisiana Superdome, seu estádio, e ao vencer o título da NFL na temporada de 2009, estabeleceu-se na cidade em 1967, como uma das franquias da expansão da Liga após a junção com a AFL. O nome do clube é uma referência direta a uma das mais tradicionais e populares músicas de jazz: “*When The Saints Go Marching In*”, cantada como grito de guerra por seus torcedores. O logotipo do clube, uma flor-de-lis, símbolo de Nova Orleans e da herança francesa, é mais ligado, porém, a uma identificação com a cidade do que com o jazz.

Em segundo lugar, figura o clube hoje chamado de Utah Jazz (NBA). Porém, a franquia foi fundada originalmente em 1974 em Nova Orleans, sob o nome de New Orleans Jazz, tendo como logotipo uma bola de basquete estilizada em uma nota musical (figura 31). Entretanto, o clube acabou por mudar-se para Salt Lake City, Utah, apenas cinco anos após

⁴⁸ HOBBSAWM, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. Pré-História. p.59-73.

sua fundação, trocando de nome para Utah Jazz, sem modificar seu logo (apenas substituindo a localidade antiga pela nova) até recentemente. No entanto, a referência simbólica ao jazz ficou certamente deslocada, de forma que, em 1996, optou-se por substituir o logo por outro que representasse as montanhas do estado, formato que perdura até hoje.



Fig. 31 – Logotipo do New Orleans Jazz (1974-79).

Dentro deste foco, quero, por fim, dar destaque à questão da imigração nos Estados Unidos, e à importância para a formação cultural americana em localidades específicas. É pouco conhecido, por exemplo, o fato da cidade de Nova York ter sido fundada por colonos holandeses, já estabelecidos na região quando do estabelecimento dos núcleos de colonização inglesa. De fato, a cidade, que então se chamava Nova Amsterdã, foi a capital da província colonial holandesa da Nova Holanda (1614-1664), até ser conquistada pelos britânicos. Apesar disso, as influências de uma tradição holandesa continuaram fortes em Nova York⁴⁹. É importante citar, dentro desta perspectiva, a obra literária de Washington Irving, que escreveu romances retratando o período de colonização holandesa, como *The Legend of Sleepy Hollow* e *Rip Van Winkle*, além de ter escrito uma História de Nova York, assinando com o pseudônimo de Diedrich Knickerbocker⁵⁰, em clara referência a esse passado holandês.

Dessa forma, o adjetivo Knickerbocker passou paulatinamente a ser identificado nos Estados Unidos com aqueles de origem holandesa, e posteriormente com o próprio cidadão procedente de Nova York, dando nome a diversas localidades e organizações, como hotéis, teatros e, claro, o renomado clube social de elite da cidade de Nova York. Neste sentido, também nos esportes profissionais se apresenta esta associação, com o clube de basquete de New York Knicks. Hoje, a ligação com Irving e o passado holandês se dá de forma mais sutil, apenas pelo nome e cores do clube, enquanto que, em seus primeiros anos, era mais explícita, pelo próprio logo do clube, que trazia o “Father Knickerbocker”, a figura de um colono, apropriadamente trajado nas cores azul e laranja⁵¹, jogando basquete (figura 32). Apesar disso, é significativo notar que o Knicks é um dos dois únicos clubes da NBA original a nunca terem mudado de nome ou de cidade, mostrando a força dessa identificação.

⁴⁹ A própria origem do termo *yankee*, examinada no segundo capítulo deste trabalho é mostra disso.

⁵⁰ Sobrenome comum entre os colonos da Nova Holanda.

⁵¹ Tradicionalmente identificadas com os Países Baixos, além de continuarem a ser as cores da bandeira da cidade de Nova York.



Fig. 32 – O “Father Knickerbocker”, logo oficial do New York Knicks de 1946-64.

É igualmente significativo que o segundo clube a nunca trocar de cidade e de nome seja o Boston Celtics. De modo semelhante ao que acontece em Nova York, o clube de basquete profissional de Boston presta uma homenagem à importância da imigração irlandesa para a cidade. De fato, a imigração irlandesa, desde o século XVIII, mas especialmente no XIX, foi muito forte nos Estados Unidos, em particular na região do estado de Massachusetts. Apesar de terem sido discriminados ao longo desse processo, por razões sociais e religiosas, e de se terem produzido estereótipos negativos, relacionados a bebedeiras e arruaças, há também uma valorização positiva da herança irlandesa em organizações onde tiveram papel ativo (como regimentos próprios na polícia e no exército) e em festividades reconhecidas nacionalmente, como o dia de São Patrício.

Assim, o Boston Celtics é igualmente uma mostra dessa valorização da tradição irlandesa para a cultura nacional. Além do nome, evocando o passado celta, o clube, fundado em 1946, traz referências em seus símbolos a elementos considerados irlandeses, de certa forma também estereotipados, como o trevo de quatro folhas e o leprechaun⁵², figura predominante em seu logo desde a década de 1950 (figura 33).



Fig. 33 – Logo oficial do Boston Celtics desde 1995. A figura do leprechaun neste modelo é usada desde 1968.

⁵² O leprechaun é um ser da mitologia irlandesa, semelhante a um duende.

CONCLUSÃO

Ao final deste breve trabalho, é possível notar que o esporte é um importante espaço de manifestação das representações sociais, as quais constituem a expressão visível de categorias marcantes consolidadas no imaginário de uma coletividade. No caso específico da sociedade norte-americana, analisado por mim no presente trabalho, puderam-se perceber três formas de abordagem simbólica que, de uma maneira ou outra, retomam elementos do passado histórico dos Estados Unidos, de modo a conquistar uma melhor identidade com o público local em vista do caráter profundamente capitalizado do esporte americano. E o exame deste tipo de aparato simbólico acaba por revelar concepções sociais e visões de mundo, aceitas consensualmente pela comunidade, e com profundas raízes e conseqüências históricas para o país.

Na primeira vertente, tem-se o imaginário relativo à Guerra de Independência dos Estados Unidos e os valores que ele traz consigo. Isto se dá seja pela adoção de símbolos que evocam intencional e diretamente os fatos, eventos, atores, ideais de liberdade, democracia, da predestinação dos americanos, de patriotismo, e que representam estes ideais conforme são vistos pela sociedade americana; seja indiretamente, pela referência a alguns elementos, como a águia e o ianque, que adquiriram uma profundidade de significação ao longo da história, fazendo já parte de um arcabouço de representações de uso corrente naquela sociedade.

No segundo caso, tem-se a questão da expansão americana em direção ao Oeste. Aqui, as representações se apresentam muito pautadas pelas concepções da excepcionalidade americana e do Destino Manifesto da nação. Como tal, há, por meio da simbologia dos clubes, a exaltação do homem da fronteira, grande responsável pela construção do país; ou melhor, dos estereótipos do *frontiersman* e de elementos da sociedade por ele construída. De modo semelhante, há a caricaturização da figura do indígena dentro desse modelo, incluída dentro da “comunidade imaginada” da nação, muito embora apareça por meio de clichês, considerados ofensivos pelos próprios Nativos Americanos; e, praticamente, a exclusão do elemento hispânico, que legou uma importante herança para o Oeste americano e, no entanto, aparece apenas de forma pontual.

De fato, nos dois primeiros caminhos, trata-se de elementos de uma história considerada nacional, de elementos que correspondem a uma determinada visão ideal da história nacional. Neste sentido, porém, estas representações ocorrem, em geral, naquelas

localidades onde os temas históricos retomados têm uma significação especial: a temática da fronteira nos estados do Oeste e a da Independência nos do Nordeste.

A terceira via de abordagem dessa forma de representações se dá justamente em relação a elementos muito próprios de determinadas regiões; elementos, porém, que não fazem parte daquela grande história nacional. Nestes casos, a referência está ligada a funções econômicas ou administrativas historicamente desempenhadas por uma localidade e com a qual já se adquiriu uma identificação pelos próprios habitantes locais, mas também visto de fora; ou então a heranças culturais muito fortes na região, como no caso da cultura do jazz e das imigrações.

Espero, com este esforço de pesquisa, ter contribuído um pouco para os estudos acerca da sociedade norte-americana e das concepções que orientam seu imaginário social. Mais do que isso, espero ter ajudado a mostrar que a análise de elementos lúdicos, corriqueiros e, muitas vezes, negligenciados ou desdenhados por uma historiografia mais tradicional, podem também oferecer importantes, interessantes e valiosas reflexões para a construção do conhecimento histórico e para entendimento das dinâmicas internas das sociedades humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira Veio um Pioneiro: a Frontier Thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BACZKO, Bronislaw. *A Imaginação Social*. IN: LEACH, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BILLINGTON, Ray Allen. *Westward Expansion*. New York: Macmillan, 1968.

BRADBURY, Malcolm & TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BRINKLEY, Alan. *The Unfinished Nation. A Concise History of the American People*. Vol. 2: From 1865. New York: McGraw-Hill, 1997.

BROWN, Dee. *Enterrem meu Coração na Curva do Rio*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru: Edusc, 2004.

CLOUGH, Shepard B. & MARBURG, Theodore F. *Economia e Sociedade nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1969.

CODY, William Frederick. *A Autobiografia de Buffalo Bill*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1988.

FELSER, Larry. *The Birth of the New NFL: How the 1966 NFL/AFL Merger Transformed Pro-Football*. Guilford: The Lyons Press, 2008.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira. Nove Reflexões sobre a Distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUAZZELLI, César A. B. *Fronteiras americanas na primeira metade do século XIX: o triunfo das representações nos Estados Unidos da América*. IN: Anos 90. Porto Alegre: UFRGS, 2003. n.º. 18.

KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos. Das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2010.

KING, C. Richard & SPRINGWOOD, Charles (orgs.). *Team Spirits: The Native American Mascots Controversy*. Lincoln: Nebraska University Press, 2001.

- KIRCHBERG, Connie. *Hoop Lore: A History of the National Basketball Association*. Jefferson: Mc Farland & Co. Inc., 2007.
- KRAKAUER, Jon. *Onde os Homens Conquistam a Glória: A odisséia de um soldado americano no Iraque e no Afeganistão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LUEDTKE, Luther S. *América: Aspectos geopolíticos, culturais e sociais nos EUA*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.
- HOBBSAWM, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens. O Jogo como Elemento da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MAISEL, Albert Q. *Eles Escolheram a América*. Rio de Janeiro: Record, 1965.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MAKOWIECKY, Sandra. *Representação: a palavra, a idéia, a coisa*. IN: Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC. Nº 57 – Dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.pos.ufsc.br/arquivos/41010037/TextoCaderno57.pdf>. Acesso em junho de 2011.
- MELANDRI, Pierre. *História dos Estados Unidos desde 1865*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- MURRAY, John J. (org.). *The Heritage of the Middle West*. Norman: University of Oklahoma Press, 1967.
- ORIARD, Michael. *Brand NFL: Making and Selling America's Favorite Sport*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- PETERSON, Robert. *Pigskin: The Early Years of Pro-Football*. New York: Oxford USA, 1997.
- PETERSON, Robert. *Only the Ball was White. A History of Legendary Black Players and All-Black Professional Teams*. New York: Oxford University Press, 1992.
- RADER, Benjamin G. *Baseball: a History of America's Game*. Champaign: University of Illinois Press, 2008.
- ROBERTSON, Ross M. *História da Economia Americana. 2º Volume*. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- ROSEN, Charley. *The first Tip-off: The Incredible Story of the Birth of the NBA*. New York: McGraw-Hill, 2008.
- SEYMOUR, Harold. *Baseball: The Golden Age*. New York, Oxford USA, 1989.

TURNER, Frederick J. *O Significado da Fronteira na História Americana*. IN: KNAUSS, Paulo (org.). *Oeste Americano. Quatro ensaios da história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: UFF, 2004. p.23-54.

WEBER, David. *La Frontera Española en América del Norte*. México: FCE, 2000.

WEBB, Walter Prescott. *The Great Plains*. Boston: Ginn and Company, 1931.

Na Internet:

<http://www.harrisinteractive.com/> - grupo Harris Interactive, que conduz pesquisas on-line.

<http://www.etymonline.com/> - dicionário etimológico on-line, em inglês.

<http://www.nfl.com/>; <http://www.nba.com/>; <http://www.mlb.com/>; - com links para os clubes das respectivas ligas.

Acessos entre dezembro de 2010 e novembro de 2011.

FONTES PRIMÁRIAS

Imagens obtidas na Internet, no site <http://www.sportslogos.net/>. Acessos entre dezembro de 2010 e novembro de 2011.

ANEXO

Reprodução parcial da tabela publicada pelo grupo Harris Interactive, mostrando a preferência esportiva dos norte-americanos, em resposta à pergunta: “Se você tivesse que escolher, qual desses esportes você diria que é seu favorito?”. Para maiores detalhes, acessar a pesquisa completa, através do site indicado na nota de rodapé 8 (página 7).

	CHANGE							
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	1985–2008
	%	%	%	%	%	%	%	%
Pro football	29	30	33	29	30	31	35	11
Baseball	13	15	14	14	15	16	16	-7
College football	9	11	13	13	12	12	12	2
Auto racing	9	7	11	9	10	8	9	4
Men's pro basketball	10	7	4	7	4	6	5	-1
Hockey	3	4	5	4	5	5	4	2
Men's college basketball	6	6	5	5	4	5	3	-3
Men's golf	5	4	4	4	4	4	4	1
Men's soccer	3	3	2	2	2	3	2	-1
Boxing	NA	2	2	1	1	2	2	NA
Horse racing	2	1	2	1	2	1	2	-2

Nota: NA corresponde a “Not Asked”, ou seja, não constava como possível opção no ano da pesquisa.